

MARYSIA MALHEIROS FIUZA

ESTUDO DAS FUNÇÕES DO CATÁLOGO  
DA BIBLIOTECA CENTRAL DO SESC

Dissertação de Mestrado apresentada  
como requisito parcial para obten-  
ção do grau de mestre, no Curso de  
Pós-Graduação em Administração de  
Bibliotecas da Escola de Biblioteco  
nomia da UFMG.

Orientador: Profa. MARIA MARTHA DE  
CARVALHO

B E L O H O R I Z O N T E

1 9 8 0

## P R E F Á C I O

A escolha do tema desta dissertação originou-se da necessidade sentida por mim e, acredito, pela maioria dos professores de catalogação, de especular sobre a validade do que se ensina na sala de aula sobre o catálogo de bibliotecas.

A catalogação está se tornando o "patinho feio" da biblioteconomia, pois, em todos os exemplos e críticas sobre o estado atual das bibliotecas e dos cursos de biblioteconomia, é citada como entrave ao desenvolvimento pleno das atividades bibliotecárias, voltadas para o público.

Até em romances, como no excelente "The Go-Between", de L.P.Hartley, encontra-se menção depreciativa às atividades catalográficas, quando o personagem Colston, recordando sua vida passada, diz a si mesmo: "Por que você desperdiçou seu tempo, em bibliotecas poeirentas, catalogando livros de outras pessoas, ao invés de escrever o seu próprio?"

Reconheço, porém, que a catalogação e o catálogo se divorciam muitas vezes das necessidades dos usuários, devido ao excessivo apego, por parte dos catalogadores, a códigos e normas, sem o necessário questionamento de sua validade em todas as situações.

A minha intenção, ao tentar estudar o catálogo e suas funções numa biblioteca pública brasileira, é contribuir para uma visão melhor da problemática no nosso contexto.

Espero que se façam outros estudos sobre o mesmo tema, a fim de que se possa situar devidamente a catalogação e a técnica de construção de catálogos dentro da biblioteconomia.

Gostaria de dedicar esta dissertação à professora Maria Luíza Monteiro da Cunha, figura exponencial da Catalogação no Brasil.

Agradeço a todos que contribuíram para a realização deste trabalho e, em particular,

- aos professores e funcionários da Escola de Biblio-

- teconomia da UFMG, pelo apoio e colaboração;
- aos professores do Curso de Pós-Graduação em Administração de Bibliotecas, da Escola de Biblioteconomia da UFMG, especialmente à professora Maria Martha de Carvalho, minha orientadora;
  - aos meus alunos, cujas dúvidas e problemas despertaram o meu interesse pelo assunto;
  - aos bibliotecários e funcionários da Biblioteca Central do SESC, pela gentileza e disponibilidade com que me receberam;
  - à minha mãe, que suportou, com paciência, o proverbial mau humor de um dissertando na família.

Belo Horizonte, julho de 1980

Marysia Malheiros Fiuza

## LISTA DE TABELAS E GRÁFICOS

	Página
I. LEVANTAMENTO REALIZADO NO PERÍODO DE 03 A 07/03/1980	48
GRÁFICO 1 - USUÁRIOS DA BIBLIOTECA CENTRAL DO SESC	47
II. USUÁRIOS DO CATÁLOGO NO PERÍODO DE 03 A 07/03/1980	48
III. ENTREVISTAS REALIZADAS NO PERÍODO DE 10 A 21/03/1980	49
GRÁFICO 2 - COMPARAÇÃO ENTRE FREQUÊNCIA DE CONSULTA AO CATÁLOGO E DISTRIBUIÇÃO DAS ENTREVISTAS	50
1. USUÁRIOS DE ACORDO COM AS CATEGÓRIAS CONSTANTES DA FICHA DE REGISTRO DA BIBLIOTECA	53
2. USUÁRIOS DE ACORDO COM O NÍVEL DE ESCOLARIDADE	54
3. USUÁRIOS DE ACORDO COM A SITUAÇÃO ESCOLAR	54
4. USUÁRIOS ESTUDANTES E NÃO ESTUDANTES NAS DIVERSAS CATEGÓRIAS CONSTANTES DA FICHA DE REGISTRO	55
5. USUÁRIOS DE ACORDO COM A FAIXA ETÁRIA	55
6. USUÁRIOS DE ACORDO COM O SEXO	56
7. FREQUÊNCIA DE COMPARECIMENTO À BIBLIOTECA CENTRAL DO SESC	57
8. FREQUÊNCIA DE CONSULTA AO CATÁLOGO	58
9. RESPONSÁVEL PELA INSTRUÇÃO NO USO DO CATÁLOGO	58
10. TIPOS DE BUSCAS EFETIVADAS PELOS USUÁRIOS	59
11. TIPOS DE BUSCAS DE ACORDO COM O NÍVEL DE ESCOLARIDADE DOS USUÁRIOS	60
12. USO DA INFORMAÇÃO ENCONTRADA DE ACORDO COM O TIPO DE BUSCA	61
13. ELEMENTOS DA ENTRADA CATALOGRÁFICA QUE INTERESAM AOS USUÁRIOS	62

LISTA DE TABELAS E GRÁFICOS

Página

14. ELEMENTOS DA ENTRADA CATALOGRÁFICA QUE AJU- DARIAM NA ESCOLHA DE UM OU MAIS ITENS	63
15. BUSCAS DE ITEM CONHECIDO, COM E SEM SUCESSO	64
16. CORREÇÃO E INTEGRALIDADE DA INFORMAÇÃO SOBRE AUTOR	65
17. CORREÇÃO E INTEGRALIDADE DA INFORMAÇÃO SOBRE TÍTULO	66
18. INFORMAÇÃO (ESCRITA OU MEMORIZADA) TRAZIDA PELO USUÁRIO SOBRE AUTOR E TÍTULO	67
19. INFORMAÇÃO (ESCRITA OU MEMORIZADA) TRAZIDA PELO USUÁRIO SOBRE AUTOR, DE ACORDO COM AS CATEGORIAS DE CORREÇÃO E INTEGRALIDADE	67
20. INFORMAÇÃO (ESCRITA OU MEMORIZADA) TRAZIDA PELO USUÁRIO SOBRE TÍTULO, DE ACORDO COM AS CATEGORIAS DE CORREÇÃO E INTEGRALIDADE	68
21. FONTES INDICADORAS DAS INFORMAÇÕES SOBRE AUTOR/TÍTULO TRAZIDAS PELOS USUÁRIOS	69
22. COMPARAÇÃO ENTRE GRAU DE PRECISÃO DA INFOR- MAÇÃO SOBRE AUTOR E OS RESULTADOS DAS BUSCAS DE ITEM CONHECIDO	70
23. COMPARAÇÃO ENTRE GRAU DE PRECISÃO DA INFORMA- ÇÃO SOBRE TÍTULO E OS RESULTADOS DAS BUSCAS DE ITEM CONHECIDO	70
24. COMPARAÇÃO ENTRE FREQUÊNCIA DE COMPARECIMENTO À BIBLIOTECA CENTRAL DO SESC E OS RESULTADOS DAS BUSCAS DE ITEM CONHECIDO	72
25. COMPARAÇÃO ENTRE FREQUÊNCIA DE USO DO CATÁLOGO E OS RESULTADOS DAS BUSCAS DE ITEM CONHECIDO	73
26. COMPARAÇÃO ENTRE CONSULTA ANTERIOR AO CATÁLOGO E OS RESULTADOS DAS BUSCAS DE ITEM CONHECIDO	73
27. COMPARAÇÃO ENTRE A INSTRUÇÃO SOBRE O USO DO CA- TÁLOGO E O RESULTADO DAS BUSCAS DE ITEM CONHECIDO	74

## LISTA DE TABELAS E GRÁFICOS

	<i>Página</i>
28. ESCOLHA DE PONTOS DE ACESSO AO CATÁLOGO	75
29. ESCOLHA DO PRIMEIRO PONTO DE ACESSO, QUANDO O USUÁRIO TINHA INFORMAÇÃO SOBRE AUTOR E TÍTULO	76
30. COMPARAÇÃO ENTRE ESCOLHA DE PRIMEIRO PONTO DE ACESSO E RESULTADO DAS BUSCAS DE ITEM CONHECIDO	77

## L I S T A   D E   S I G L A S

- ALA - *American Library Association*
- CCAA 1 - *Código de Catalogação Anglo-Americano, 1a. edição*
- CCAA 2 - *Código de Catalogação Anglo-Americano, 2a. edição*
- CIPC - *Conferência Internacional sobre Princípios de Catalogação. Paris, 1961*
- IMCE - *International Meeting of Catalog Experts, Copenhagen, 1968*
- ISBD - *International Standard Bibliographical Description (Normas Internacionais de Descrição Bibliográfica)*
- IFLA - *International Federation of Library Associations*
- LA - *Library Association, Londres*
- RIEC - *Ver IMCE*
- SESC - *Serviço Social do Comércio.*

## S U M Á R I O

	Página
PREFÁCIO	iii
LISTA DE TABELAS E GRÁFICOS	v
LISTA DE SIGLAS	viii
RESUMO	ix
ABSTRACT	x
CAPÍTULO I - INTRODUÇÃO	1
Importância do estudo	
Problema	
Suposições	
Aspectos a examinar	
Conceituação de termos	
CAPÍTULO II - REVISÃO DA LITERATURA	8
Funções do catálogo e desenvolvimento de códigos	
Estudos sobre o uso do catálogo	
CAPÍTULO III - BIBLIOTECA CENTRAL DO SESC	44
CAPÍTULO IV - METODOLOGIA	46
CAPÍTULO V - RESULTADOS	53
Apresentação	
Análise e interpretação	
CAPÍTULO VI - CONCLUSÃO	83
Conclusões	
Sugestões para futuras pesquisas	
REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS	87
ANEXOS:	
1. Roteiro de entrevista	
2. Ficha de registro de resultados	



## R E S U M O

Estudaram-se as funções do catálogo da Biblioteca Central do SESC, através de entrevistas com seus usuários. As entrevistas, aplicadas segundo um cronograma baseado no fluxo de consulta ao catálogo, incluíam perguntas sobre: caracterização dos usuários, finalidade de consulta ao catálogo, familiaridade do usuário com a biblioteca e com o catálogo, informação trazida pelo usuário sobre autor e título, pontos de acesso, elementos da entrada catalográfica que interessavam aos usuários e resultado das buscas. Os usuários foram entrevistados antes e depois das buscas. A revisão da literatura abrangeu tópicos sobre funções do catálogo, desenvolvimento de códigos de catalogação e estudos sobre uso de catálogos. Concluiu-se que: a) a função predominante do catálogo da Biblioteca Central do SESC é a de localizar documentos específicos; b) o fator principal de influência no resultado das buscas é a precisão da informação trazida pelo usuário; c) entre as causas dos insucessos inclui-se o desconhecimento da estrutura do catálogo e das regras de alfabetação; d) o ponto de acesso mais usado é o título; e) uma catalogação simplificada satisfaria à maioria dos usuários da biblioteca. Foram feitas sugestões para futuras pesquisas.-

## A B S T R A C T

The functions of the Biblioteca Central do SESC catalog were studied, by means of interviews with its users. The interviews, conducted accordingly to a cronogram based on catalog traffic, included questions about: user characterization, objectives of the searches, user familiarity with the library and the catalog, author and title information brought by users, access points, elements of interest on cataloguing entries and results of the searches. Users were interviewed before and after their searches. The literature review approached catalog functions, development of catalog codes and studies of catalog use. The following conclusions were reached: a) the major function of the Biblioteca Central do SESC catalog is to locate specific documents; b) the most important factor determining search success is the accuracy of the information brought by the user; c) the lack of knowledge of the catalog structure and filing rules is one of the causes of search failure; d) the title is the access point more used; e) a simplified descriptive cataloging would satisfy most users. Suggestions for future researches were made. -

## CAPÍTULO I

### INTRODUÇÃO

#### Importância do estudo.

A produção bibliográfica cada vez mais crescente, a necessidade da informação como base de todas as atividades humanas e a premência de melhor aproveitamento dos recursos humanos e materiais, características da sociedade moderna, exigem da biblioteconomia uma avaliação constante de seus serviços e estudos de desempenho de suas fontes de informação.

O catálogo é a fonte de informação mais tradicional e, nas nossas bibliotecas, quase a única maneira de se explorar o conteúdo de seus acervos.

Por muito tempo, a construção e a manutenção do catálogo foram desenvolvidas, sem questionamento, seguindo-se códigos de catalogação e sistemas de classificação estabelecidos à revelia de estudos sistemáticos de necessidades dos usuários.

Essa situação se refletiu, naturalmente, nos currículos das escolas de biblioteconomia, traduzindo-se em programas e cursos divorciados da realidade quotidiana das bibliotecas.

Na década de 70, registrou-se, em várias partes do mundo, especialmente nos Estados Unidos e na Inglaterra, um grande movimento no estudo do catálogo, devido a três fatos: a perspectiva de automação de catálogos, a publicação da 2a. edição do Código de Catalogação Anglo-Americano e a necessidade de se racionalizar os custos dos serviços bibliotecários em consequência da crise econômica mundial.

Já em 1968, GROSE & LINE (23), comentando sobre os problemas de automação do catálogo, por eles denominado de "elefante branco", recomendavam estudos sobre uso e funções

do catálogo ao afirmar: "ser impelidos, como poderíamos ser, na solução de um problema que não foi, nem ao menos definido, seria desastroso".

GORMAN (21), enfatizando a importância dos estudos de de desenvolvidos na década de 70, considerou que "o aspecto mais vital da teoria e prática da catalogação que precisa ser examinado é a finalidade para a qual se usa o catálogo. Até que isto tenha sido claramente definido, com base em levantamentos objetivos e precisos de uso do catálogo, toda a teoria da catalogação continuará não científica e sujeita a dúvidas".

No Brasil, já se acena com a possibilidade de automação de serviços bibliotecários. Ao mesmo tempo, questiona-se o "status quo" do catálogo e da catalogação quando se afirma que o catálogo não é consultado, que as entradas catalográficas se sobrecarregam de detalhes inúteis, que os cursos de catalogação se limitam à exigência de memorização de regras de códigos e sistemas de classificação. Paralelamente a esse questionamento e, às vezes, em flagrante desacordo com ele, nota-se uma preocupação exagerada dos profissionais com o processamento técnico, em detrimento de outras atividades vitais da biblioteca, como se fosse condição indispensável para o bom funcionamento da biblioteca que o acervo completo estivesse minuciosamente catalogado de acordo com todas as regras e detalhes.

Justifica-se, portanto, que se façam estudos de uso e funções do catálogo em bibliotecas brasileiras para um melhor esclarecimento da situação.

Foi com base nesta justificativa que se resolveu levar a efeito um estudo do uso do catálogo da Biblioteca Central do SESC, visando à determinação de suas funções prioritárias.

Não se pretende generalizar os resultados, mas somente testar uma metodologia que, se aprovada, poderia ser repetida em outras bibliotecas de maneira a propiciar uma visão de conjunto do estado da catalogação e do catálogo em nossas

bibliotecas.

### Problema.

O problema central, objeto do presente trabalho, é ve rificar, em uma biblioteca pública brasileira, as finalida des para as quais os usuários consultam o catálogo e, pelo estudo dessas finalidades, chegar à determinação das funções que deveriam ser exercidas por esse catálogo.

O exame da literatura pertinente indica que o catálogo de biblioteca exerce várias funções, descritas e denominadas de várias maneiras, mas que podem ser expressas como:

- a) função localizadora, isto é, indicar a existência e a localização, na biblioteca, dos documentos desejados;
- b) função bibliográfica, isto é, identificar documentos por suas características físicas e editoriais, por sua autoria ou por seu assunto;
- c) função instrutiva, isto é, reunir as obras de um autor, de uma série, de um assunto e assuntos corre latos, etc.

As necessidades dos usuários de cada biblioteca deter minam qual ou quais das funções devem ser atendidas com prio ridade. Concomitantemente, a estrutura do catálogo e a exten são e profundidade da descrição catalográfica serão determinadas por essa escolha.

Com base na revisão da literatura e na observação e no contato com bibliotecas públicas brasileiras, levantou-se uma série de suposições sobre as funções do catálogo. Justi fica-se o uso do termo suposições, ao invés de hipóteses, pois, de acordo com KEMP (29), uma hipótese "é uma inferên cia baseada em dados disponíveis, mas insuficientes para per mitir que a inferência seja provada".

Como não há dados disponíveis, só se pode tratar de suposições. De posse de dados sobre a biblioteca estudada, será possível levantar hipóteses sobre funções do catálogo em bibliotecas públicas brasileiras.

## Suposições.

1. O catálogo de livros, na Biblioteca Central do SESC, exerce, predominantemente, a função localizadora, ou seja, é um instrumento hábil para indicar aos usuários e funcionários da biblioteca a existência e a localização dos livros nas estantes.

1.1. A maioria dos usuários consulta o catálogo para verificar a existência e a localização, na biblioteca, de livros dos quais ele já conhece, por intermédio de outras fontes, o autor e/ou o título.

1.2. Um grupo menor de usuários é formado por pessoas que desejam identificar livros de um determinado assunto e, encontrando o cabeçalho de assunto desejado, procuram localizar os livros correspondentes nas estantes, para escolher os que mais lhe interessam.

1.3. Um pequeno grupo usa o catálogo para levantamentos bibliográficos, para identificar a obra completa de um autor, para identificar edições diferentes de uma determinada obra ou para escolher documentos com base nas informações contidas nas entradas catalográficas.

2. Se o catálogo é usado, em grande escala, como instrumento localizador de documentos dos quais o usuário conhece o autor e/ou o título (item conhecido), deduz-se que:

2.1. a sua estrutura deve ser planejada para atender, prioritariamente, ao objetivo de mostrar se a biblioteca possui ou não um documento, publicado sob o nome de um autor ou sob um título determinado. Em outras palavras, um catálogo de entrada direta, conforme a classificação de LUBETZKY (35), atenderia melhor à maioria dos usuários.

2.2. o sucesso nas buscas de item conhecido vai depender da correção e integralidade da informação trazida pelo usuário sobre autor e/ou título, da estrutura do catálogo, do conhecimento do usuário sobre ela e do índice de perseverança na busca, isto é, do número de tentativas feitas para en-

contrar a entrada desejada.

2.3. um pequeno número das informações contidas nas entradas catalográficas interessa realmente ao usuário.

Muitas outras suposições poderiam ser levantadas, com relação às funções do catálogo. Na impossibilidade, porém, de examiná-las num único estudo, optou-se pelo exame mais detalhado do catálogo de autor/título e da descrição bibliográfica.

### Aspectos a examinar.

Para verificar a procedência das suposições levantadas, será necessário:

1. caracterizar a clientela da Biblioteca Central do SESC;
2. verificar os tipos de busca predominantes;
3. verificar quais das informações contidas nas entradas catalográficas interessam realmente ao usuário;
4. examinar a estrutura do catálogo, com referência a entradas de autor e/ou título;
5. verificar o grau de sucesso nas buscas de item conhecido;
6. tentar determinar as causas dos insucessos, verificando:
  - a) a existência da representação do documento no catálogo;
  - b) a correção e integralidade das informações trazidas pelo usuário sobre autor e/ou título e as fontes indicadoras dessas informações;
  - c) a instrução recebida pelo usuário sobre o uso do catálogo e a sua frequência de comparecimento à biblioteca;
  - d) a preferência do usuário por pontos de acesso às entradas e seu índice de perseverança nas buscas.

Como informações adicionais, seria interessante verificar se o usuário sabe interpretar o número de chamada e se sabe localizar, nas estantes, o documento correspondente.

### Conceituação de termos.

Para efeito deste trabalho, ficam estabelecidos os seguintes conceitos:

- a) Busca de item conhecido é o tipo de busca em que o usuário procura localizar a entrada correspondente a um documento do qual ele conhece o nome do autor e/ou o título.
- b) Busca de obras de um autor é o tipo de busca na qual o usuário deseja localizar a obra completa de um autor, mesmo que ele tenha adotado diferentes nomes ou formas de nome.
- c) Busca de um assunto é o tipo de busca na qual o usuário deseja localizar as entradas correspondentes a documentos de um determinado assunto.
- d) Catálogo colocativo é o catálogo no qual são dadas entradas uniformes para autor e título, independentes da forma em que aparecem na folha de rosto. Dessa forma é possível reunir a obra completa de um autor (mesmo que ele tenha usado formas diferentes de nomes) e as diversas traduções, versões e edições de uma determinada obra.
- e) Catálogo de entrada direta é o catálogo cujas entradas de autor e de título são representadas exatamente como aparecem na folha de rosto do documento catalogado.
- f) Correção e integralidade na informação sobre autor e título.  
Correção se refere à escolha e à ortografia das palavras que compõem a informação sobre autor e título.



Integralidade se refere à informação completa sobre autor e título. Usou-se "integralidade" na falta de um termo equivalente ao vocábulo inglês "completeness".

- g) Entrada catalográfica é o registro de uma entidade bibliográfica no catálogo.
- h) Entrada principal é o registro catalográfico completo de um item, apresentado na forma pela qual a entidade deve ser uniformemente identificada e citada.
- i) Índice de perseverança é o número de tentativas feitas pelo usuário para encontrar a entrada desejada.
- j) Item é um documento ou conjunto de documentos em qualquer forma física, publicado e tratado como uma entidade e, como tal, fornecendo a base para uma descrição bibliográfica.
- l) Ponto de acesso é elemento (nome, termo ou código) sob o qual um registro bibliográfico pode ser procurado.
- m) Sucesso nas buscas - considera-se uma busca com sucesso quando o usuário encontra uma ou mais entradas que lhe interessam e anota os respectivos números de chamada que identificam os documentos, com a aparente intenção de procurá-los nas estantes ou solicitá-los no balcão de empréstimo.
- n) Unidade bibliográfica é um livro determinado ou uma determinada edição de uma determinada obra.
- o) Unidade literária é o conjunto das edições, traduções, versões, etc de uma determinada obra.

## Registro bibliográfico

## CAPÍTULO II

### REVISÃO DA LITERATURA

A literatura biblioteconômica sobre o catálogo pode ser dividida em dois aspectos: o primeiro, associado ao pensamento analítico de estabelecimento de funções e desenvolvimento de códigos; o segundo, ligado ao estudo do uso do catálogo em diversos tipos de bibliotecas.

#### FUNÇÕES DO CATÁLOGO

GROSE & LINE (23), no antológico artigo "On the construction and care of white elephants", chamam a atenção para o fato de que todas as discussões sobre catalogação giram em torno de padrões, ao invés de princípios. Consideram que se necessita, urgentemente, de um questionamento total e fundamental de todos os princípios de catalogação.

As principais indagações seriam sobre as funções desempenhadas atualmente pelo catálogo, a natureza dos usuários e não usuários, a predominância da normalização sobre o atendimento das necessidades locais, a redução dos custos na construção de catálogos e a necessidade de se ter uma idéia clara das formas mais importantes do catálogo, dos elementos e do arranjo de uma entrada catalográfica. Advertem que esses estudos se tornam mais urgentes, tendo em vista a perspectiva de automação dos catálogos.

O grande estudioso das funções de catálogos, Charles Ami Cutter, surgiu no fim do século XIX e seu trabalho foi continuado, no século XX, por Lubetzky, Verona e Domanovszky.

O pensamento de CUTTER sobre as funções do catálogo nos foi legado em sua obra "Rules for a dictionary catalog" (17). Os "objetos" da catalogação segundo Cutter, são:

O catálogo deve ser um instrumento hábil para:

1. permitir que uma pessoa encontre um livro do qual conhece:

- A - o autor
- B - o título
- C - o assunto

2. mostrar o que a biblioteca tem:

- D - de um determinado autor
- E - de um determinado assunto
- F - de uma determinada espécie de literatura.

3. ajudar na escolha de um livro:

- G - com respeito à sua edição
- H - com respeito a seu caráter (literário ou tópico).

Para atingir tais "Objetos", deve contar com os seguintes "Meios":

1. Entradas de autor, com as referências necessárias (A e D).
2. Entradas de título ou referências ao título (B).
3. Entradas de assunto, referências cruzadas (C e E).
4. Entradas de forma e língua (F).
5. Transcrição da edição e impressão, com notas quando necessário (G).
6. Notas especiais (H).

Na apresentação de seus "Objetos" e "Meios", Cutter disse que um catálogo que atendesse a todos os objetivos expostos poderia ser considerado um catálogo completo, porém, nem toda biblioteca necessitaria de um catálogo desse tipo. Ao afirmar que "nenhum código de catalogação pode ser adotado integralmente por todas as bibliotecas, porque as bibliotecas de pesquisa e as bibliotecas de leitura têm objetivos diferentes e as bibliotecas gerais, que combinam os dois objetivos, fazem-no em diferentes proporções", Cutter propõe a criação de três níveis de catalogação: abreviada, média e desenvolvida, de acordo com as necessidades de cada biblioteca.

Na primeira metade do século XX, os bibliotecários passaram a sofisticar cada vez mais o catálogo. Os catálogos de identidade se avolumaram, pois de cada nome de autor

era feita uma pesquisa minuciosa nas fontes de referência; a catalogação descritiva passou a demandar decisões seriíssimas e a quantidade de livros nos depósitos, esperando processamento técnico, se tornou assustadora.

Em 1941, OSBORN (41) procurou pôr um fim à situação' fora da realidade dos "catologicistas", com seu polêmico artigo "Crisis in cataloguing".

A ALA (American Library Association), a LA (Library Association, Inglaterra), juntamente com a Library of Congress, resolveram fazer um levantamento da situação e Seymour Lubetzky foi encarregado de apresentar um relatório sobre o estado dos catálogos e a adequação dos códigos de catalogação, especialmente das "Regras da ALA para entradas de autor e título (1949)".

LUBETZKY (35) chegou à conclusão que a racionalização dos serviços catalográficos exigia não somente a revisão de algumas regras, mas uma completa reconstrução dos códigos, de acordo com objetivos e princípios definidos.

Segundo Lubetzky, os objetivos do catálogo são:

1. mostrar se a biblioteca possui ou não um item determinado, publicado sob um nome de autor ou sob um título determinado;
2. identificar o autor e a obra representados pelo item e relacionar as várias obras do autor e as várias edições da obra.

As duas funções do catálogo são: a função de localizar documentos, atendendo ao primeiro objetivo e a função de agrupar documentos, atendendo ao segundo objetivo. No primeiro caso, a entrada é uma representação da publicação' sob o nome do autor e/ou do título que aparecem na folha de rosto (entrada direta); no segundo caso, a entrada representa a publicação como uma edição de uma determinada obra, escrita por um autor determinado e, nesse caso, a entrada será na forma pela qual o autor ou o título estão representa-

dos convencionalmente no catálogo (entrada colocativa).

Como o atendimento às duas funções exige soluções diferentes, deve haver uma escolha do objetivo mais importante para ser atendido em primeiro lugar.

Lubetzky apresenta recursos para compatibilizar as duas funções, no caso de autores com nomes diferentes ou de uma obra com títulos diferentes:

1. quando se usa a entrada direta, os autores e/ou os títulos diferentes serão ligados por meio de referências cruzadas;
2. quando se usa a entrada colocativa, far-se-á uma remissiva das formas não adotadas de autor e/ou título para as formas escolhidas.

Considera, porém, que "ideologicamente, o tratamento de uma publicação pela entrada colocativa é mais indicada, porque o usuário, geralmente, se interessa, não somente por aquela publicação, em particular, mas pela obra nela representada que poderá ser encontrada na biblioteca em outra edição sob um nome de autor ou título diferentes". [36]

Para fazer a revisão das regras catalográficas, Lubetzky decidiu avaliar a estrutura do código, examinando suas regras e perguntando: "esta regra é necessária?", "está devidamente relacionada com as outras regras?", "é consistente na sua finalidade e no seu princípio?". Respondendo a essas perguntas, identificou grandes problemas nas entradas de autor e título, denominados por ele de condições, e que deveriam ser resolvidos através da aplicação de princípios básicos.

O relatório de Lubetzky foi a base para as discussões da Conferência Internacional sobre Princípios de Catalogação, realizada em Paris, em 1961.

Para Eva VÉRONA (54), bibliotecária iugoslava, representante do seu país na Conferência de Paris, os objetivos do catálogo podem se resumir em:

O catálogo deve ser um instrumento que informe:

1. se uma certa unidade bibliográfica, isto é, um de

- terminado livro ou uma determinada edição de uma de terminada obra, existe na biblioteca;
2. que edições, traduções, etc de uma determinada obra ou unidade literária existem na biblioteca;
  3. que publicações de um determinado autor existem na biblioteca.

Questiona se é possível construir um tipo de entrada ' que atenda aos três objetivos que parecem ser mutuamente conflitantes. Entende que nenhum catálogo pode adotar a mesma atitude com relação aos três objetivos.

Para resolver o problema, apresenta dois métodos:

1. no método A, a entrada principal é estabelecida e ordenada de acordo com o nome do autor e/ou o título que aparecem na folha de rosto. A reunião das publicações do autor e da unidade literária fica a cargo de entradas secundárias;
2. no método B, as publicações de um autor são reunidas sob um cabeçalho uniforme e a unidade literária é reunida sob os títulos originais ou tradicionais' das obras. A tarefa de reunir as várias formas de nomes do autor ou os diversos títulos fica a cargo de remissivas ou entradas secundárias.

Nenhum dos dois métodos é uma solução perfeita, entretanto, um deve ser escolhido e aplicado consistentemente no catálogo. Na opinião de Verona, deve ser escolhido o método que atenda, em primeiro lugar, às necessidades do maior número de usuários. Somente um catálogo que permita uma localização simples e rápida da maioria das consultas poderá ser considerado um instrumento eficiente.

Verona considera que o método B é indicado para catalogação de obras antigas e célebres (anônimos clássicos, por exemplo) enquanto que o método A é mais adequado para obras mais novas. Como é geralmente aceito que a maioria das demandas é de obras de data relativamente recente, deduz-se que o método A corresponderia melhor à maioria das consultas ao catálogo.

Verona defende o método A, do ponto de vista lógico, argumentando que se a parte descritiva da entrada deve necessariamente ser baseada no livro como um objeto concreto, físico, isto é, nos elementos que caracterizam uma determinada publicação, não seria lógico que a escolha dos elementos que controlariam seu arranjo fosse baseada na unidade literária abstrata.

Adverte, porém, que os três objetivos do catálogo são muito importantes para que ele seja funcional e eficaz. A escolha dos métodos vai determinar somente a prioridade de atendimento e não advoga a negligência de nenhum dos objetivos.

Akós DOMANOVSKY (18), representante da Hungria na Conferência de Paris, publicou, em 1974, uma obra muito importante: "Functions and objects of author-title cataloguing; a contribution to cataloguing theory".

Explica, no prefácio do seu livro, que escolheu como tema de seu trabalho as funções e objetos da catalogação autor/título porque ela constitui, indubitavelmente, um tema central, fundamental e fascinante da teoria da catalogação. É somente analisando suas funções, seus serviços que se pode descobrir a essência do catálogo; além disso, a sua estrutura, o processo e o método de organizá-lo são - ou deveriam ser - determinados por suas funções. Justifica seu estudo dos objetos (não objetivos) da catalogação, pelo fato de que é impossível representar as funções adequadamente sem estudar os objetos sobre os quais espera-se que o catálogo comunique informação.

Seu estudo, um dos mais completos e profundos do assunto, é uma obra fundamental para a teoria do catálogo de autor/título.

Partindo das funções estabelecidas pela Conferência de Paris, consideradas por ele não como funções, mas como tarefas, Domanovszky apresenta sua definição das funções do catálogo autor/título:

"comunicar informação sobre os itens constantes do acervo da biblioteca, por meio de sinais retirados de cada livro ou obra em particular, para distingui-lo(a) dos outros livros ou das outras obras, respectivamente".

Denomina esses sinais de "marcas formais", dividindo-as em "marcas físicas" e "marcas uniformes". A característica formal do catálogo autor/título é a maior distinção entre esse catálogo e o catálogo de assunto.

Para Domanovszky, os "objetos" do catálogo autor/título são: livros, obras e "oeuvres" de um autor (produção bibliográfica do autor). Livro é cada item físico específico; obra é o conjunto das edições, versões, traduções, adaptações de um determinado livro; "oeuvres" de um autor é o conjunto de sua produção bibliográfica. Assim, cada item do acervo pode ser registrado de três maneiras, para servir a três finalidades distintas.

Os objetos do catálogo autor/título se relacionam com as funções estabelecidas pela Conferência de Paris:

Livro = primeira função: informar se existe, na biblioteca, um livro determinado;

Obra = segunda função: informar quais as edições de uma determinada obra existem na biblioteca;

"Oeuvres" de um autor = terceira função: informar quais as obras de um determinado autor existem na biblioteca.

Domanovszky chama os livros de objetos elementares, isto é, descritos como itens separados, sem se relacionar com os outros itens do acervo. Considera a primeira função de caráter atomístico, comunicando partes isoladas de informação sobre itens específicos. Para desempenhar a primeira função, bastaria que os catalogadores empregassem as marcas ou sinais físicos, retirados do próprio documento. Apresenta interessantes considerações sobre o que é um autor, comparando as diversas definições dos códigos, desde o conceito de autor individual até ao que ele chama do "mais obscuro termo na terminologia catalográfica": o autor corporativo.



Chamando a atenção para o fato de que as marcas físicas mais importantes são autor e título, expõe sua teoria sobre a importância do título:

"Gostaria de salientar que ao dar ênfase à importância fundamental do título, devolvendo-lhe a prioridade lógica, minha concepção é diametralmente oposta ao conceito central da moderna escola de catalogação: o princípio de autoria. Na minha opinião, a ênfase exagerada na importância da autoria não foi um movimento feliz, teórica ou praticamente. É pena que os catalogadores tenham se esquecido da tese de Cutter, de acordo com a qual, todas as regras de catalogação se norteiam por dois grandes princípios, não um só. Não pode haver dúvida quanto à importância do título, como implica a tese de Cutter. Meu argumento principal é que o nome do autor é uma marca formal com respeito à sua obra completa, mas não a um dos livros que compõem essa obra. Não é o nome Thackeray, mas somente o título Vanity Fair que determina a obra individual.

Os objetos da segunda e da terceira funções são chamados por Domanovszky de objetos compostos, porque são considerados em relação a outros itens do acervo.

A segunda função consiste em comunicar informação reunida sobre todas as edições de uma obra, existentes na biblioteca, isto é, relacionar as unidades de informação sobre cada edição de determinada obra, de maneira a formar uma nova unidade composta de informação. Para isto, o catalogador precisa usar as marcas ou sinais uniformes, estabelecidos pela prática catalográfica, com a finalidade de reunir as várias edições de uma determinada obra.

Também a terceira função emprega marcas ou sinais uniformes, visando à reunião de todas as obras de um autor, existentes na biblioteca, sob uma forma uniforme do nome daquele autor. Para isto, os códigos estabelecem regras para escolha dos nomes ou forma dos nomes dos autores individuais ou corporativos.

Domanovszky concluiu seu trabalho com as seguintes considerações: a visão e a concepção atuais da catalogação autor/título são logicamente incorretas, as definições superficiais e a terminologia imprecisa; a falta de uma teoria bá

sica de catalogação leva muitas vezes a uma prática errônea e à adoção de objetivos inadequados.

Do exame da literatura sobre funções dos catálogos, conclui-se que parece haver um consenso da parte dos especialistas sobre as funções do catálogo de autor e título. O que é polêmico ou ainda não está devidamente esclarecido é a prioridade das funções, isto é, como devem ser construídos os cabeçalhos das entradas principais.

Domanovszky se limitou aos aspectos teóricos da questão, comentando porém, com muito acerto, que os catalogadores, teoricamente consideram a primeira função mais importante, 'mas na prática, adotam as marcas uniformes, fazendo o que 'Lubetzky chamou de catálogo colocativo.

Lubetzky e Verona concordam sobre as três funções do catálogo, mas não as valorizam da mesma maneira. Lubetzky defende o ponto de vista de que é essencial que o catálogo 'permita ao usuário verificar, com certeza, se na biblioteca existe ou não uma obra determinada e selecionar a edição da obra que sirva melhor à sua finalidade. Verona considera que o catálogo deve atender, em primeiro lugar, às necessidades 'da maioria dos usuários e acredita que essa maioria está interessada em encontrar um item em particular, que muitas vezes será uma publicação recente. Lubetzky atém-se muito mais a princípios e à necessidade de normalização enquanto que Verona se preocupa mais com a conveniência do usuário e a rapidez da informação. Há uma grande diferença de ênfase entre as duas posições.

JOLLEY (27) comentando sobre essas divergências, disse:

"Um catálogo não pode ser construído com exceções, mas, como meio de comunicação que é, seu funcionamento satisfatório depende de uma avaliação adequada da informação que se quer comunicar. Um meio de comunicação é, como a própria linguagem, um hábito social, e há limites para a possibilidade de se controlar hábitos sociais por meio de regras ou leis".

Em artigo recente, WEINTRAUB (55) enquadrou as funções do catálogo em quatro tipos:

1. função identificadora ou de localização, correspondente ao item 1 dos objetos de Cutter.
2. função de agrupamento, correspondente ao item 2 dos mesmos objetos.
3. função colocativa que consiste em reunir cabeçalhos relacionados em um grupo, de acordo com uma determinada característica.
4. função avaliadora ou seletiva, correspondente ao item 3 dos objetos de Cutter.

Comenta que, embora essas quatro funções sejam consideradas como atribuições necessárias do catálogo, os estudos se limitam quase sempre às duas primeiras funções.

#### DESENVOLVIMENTO DOS CÓDIGOS DE CATALOGAÇÃO

As diferentes correntes e teorias sobre a prioridade das funções e o estabelecimento de entradas principais se refletiram nos códigos de catalogação e nos catálogos, através dos tempos. Antes mesmo da sistematização da teoria, no século XX, nota-se a predominância de pontos de vista, seja intuitivamente, seja, como sugere Malinconico, por influência da cultura da época.

MALINCONICO (38) parte dos catálogos da Bodleian Library, organizados por Thomas Hyde, para expor suas idéias sobre a influência da tecnologia nas normas de catalogação. Considera a invenção da imprensa como responsável pela ênfase na atribuição de autoria para as publicações. Essa ênfase aumentou nos séculos subsequentes até chegar ao catálogo de 1732, da Bodleian Library, primeira tentativa de juntar os vários trabalhos de um autor e as várias manifestações (edições e traduções) desses trabalhos.

A revolução industrial, iniciada em 1760, influenciou todos os extratos da sociedade e sua influência se fez sentir também nos códigos de catalogação. O livro passou a ser considerado como um artefato físico, e o controle bibliográfico baseado na "unidade bibliográfica" e não na "unidade literária".

ria", O Código Francês de 1791, produto da Revolução Francesa, não cogita de identificação de autores e considera sempre um livro determinado para base da entrada. Malinconico comenta que, nesta época, foi inventado o catálogo em fichas, aproveitando cartas de baralho, pois os acervos das bibliotecas públicas, enriquecidas com as coleções pilhadas das famílias nobres, exigiam um controle inventarial rápido. Uma ficha de catalogação, segundo Malinconico, nada mais é do que uma manifestação bibliográfica das partes standardizadas e substituíveis produzidas pelas máquinas industriais.

No século XIX, a aplicação direta da mecanização encoraja a produção de livros em várias edições e a criação de um mundo cosmopolita, devida ao desenvolvimento dos meios de transporte, exigia traduções dos trabalhos publicados. Começaram a aparecer problemas com a catalogação baseada na unidade bibliográfica.

Surgiu, nesta ocasião, Antonio Panizzi trazendo de novo o foco da atenção para a unidade literária. Suas famosas "Noventa e uma regras", para os catálogos do Museu Britânico, expressam sua teoria de catalogação de obras e não de livros.

JEWETT (26), em 1853, adotou e aperfeiçoou as regras de Panizzi, no seu código para os catálogos da Smithsonian Institution, iniciando a publicação de códigos nos Estados Unidos.

CUTTER (17) publicou, em 1876, as "Rules for a dictionary catalog", já citadas neste trabalho, que foram consideradas como o sumário da arte da catalogação no final do século XIX. A abordagem pragmática de Cutter era baseada em três princípios: a conveniência do usuário, a especificidade dos cabeçalhos de assunto e a consideração do catálogo como um instrumento que, além de ser um inventário do acervo, deveria facilitar a localização de todos os livros de um autor, reunindo-os num determinado lugar no catálogo.

No início do século XX, houve uma mudança no desenvolvimento dos códigos, e MALINCONICO (38) atribuiu-a ao im-

pacto do serviço de distribuição das fichas da Library of Congress. Conforme predissera Cutter, na introdução da 4a. edição de suas regras, as preocupações teóricas foram subordinadas às considerações práticas da adoção das fichas da Library of Congress. Referindo-se ao progresso da indústria tipográfica que permitiu o desenvolvimento desse serviço, Ma linconico considera que o Código da ALA de 1908, com suas numerosas regras casuísticas, foi o resultado indireto da aplicação de uma tecnologia.

As "Normas para Catalogação de Impressos", da BIBLIOTECA VATICANA (9), publicadas em 1931, refletem a filosofia' do Código da ALA de 1908, com adaptações para atender ao tipo de acervo a que se dirigiam.

Em 1949, surgiram os chamados "códigos gêmeos": as "Regras de Catalogação Descritiva da Library of Congress" (19) e as "Regras para Entradas de Autor e Título da ALA" (3). Essa última publicação ignorou a discussão de funções' e objetivos da catalogação autor/título que se processava desde 1941 e apresentou uma acumulação de regras e detalhes, sem base em princípios teóricos.

Em 1953, apareceu o estudo de LUBETZKY (35) que serviu de base para as discussões da Conferência Internacional' sobre Princípios de Catalogação.

A CONFERÊNCIA INTERNACIONAL SOBRE PRINCÍPIOS DE CATALOGAÇÃO (14), organizada pela ALA, LA e Library of Congress, teve a participação de especialistas de diversos países e tratou fundamentalmente do catálogo autor/título. O tema central da Conferência, estabelecido no Encontro Preliminar, em Londres, 1959, foram as finalidades que deveriam ser atendidas pelo catálogo.

Ao final das discussões, chegou-se a uma DECLARAÇÃO DE PRINCÍPIOS, da qual se salienta alguns pontos, indispensáveis para este estudo.

## Seção 2 - Funções do catálogo.

O catálogo deve ser um instrumento eficiente para informar:

- 2.1 se a biblioteca possui um determinado livro, especificado:
- a) por seu autor e título;
  - b) se o nome do autor não constar do livro, por seu título, ou,
  - c) se autor e título são inadequados ou insuficientes, por um substituto apropriado do título.
- 2.2
- a) que obras de determinado autor, e
  - b) que edições de uma terminada obra existem na biblioteca.

A aprovação dessa seção suscitou discussões a respeito do item 2.2, que alguns participantes consideravam de menor importância em comparação com o item 2.1.

Um dos pontos mais controvertidos da Conferência' foi a Seção 6 que dispõe sobre a função das diferentes formas de entrada. Nas discussões, os participantes se dividiram em quatro grupos: o primeiro, defendia a tese de que a entrada principal deveria seguir as formas de autor e/ou título constantes da folha de rosto do livro, atendendo, assim, à primeira função do catálogo; o segundo, defendia o uso de entradas uniformes para autor, mas não para título; o terceiro, recomendava que se identificasse o autor por um nome uniforme e a obra, por um título uniforme; o quarto grupo sugeriu que se combinasse as duas últimas opções, isto é, que se usasse a primeira em bibliotecas pequenas e públicas e a segunda, em grandes bibliotecas.

O assunto foi muito debatido, principalmente no que dizia respeito à maneira que atenderia melhor aos usuários' das bibliotecas. Tendo em vista, porém, a finalidade da Declaração de Princípios, optou-se por uma estrutura comum, porém, com flexibilidade e abrangência bastantes para atender às necessidades de vários tipos de usuário.

A Seção 6 foi aprovada com a seguinte redação:

Seção 6. Funções das várias formas de entrada.

- 6.1 A entrada principal, para obras catalogadas pelo autor, deve ser feita, normalmente, sob um cabeçalho uniforme. A entrada principal para obras catalogadas pelo título, poderá ser feita

sob o título que aparece na folha de rosto, com uma entrada secundária para o título uniforme; ou sob o título uniforme, com entradas secundárias ou referências sob os outros títulos. Recomenda-se esta última alternativa para catálogos de obras célebres, especialmente se são mais conhecidas por um cabeçalho uniforme.

A Declaração de Princípios, originária da Conferência de Paris, deu origem a códigos de catalogação em diversos países e línguas. A ALA, a LA, a Library of Congress e a Canadian Association for Libraries, foram responsáveis pela elaboração do Código de Catalogação Anglo-Americano, do qual foram publicadas duas versões, com algumas diferenças entre elas: o texto americano e o texto britânico. O Brasil adotou o texto americano, cuja tradução foi organizada por VICENTINI (13) e publicada em 1969.

Os organizadores do CCAA 1 declararam, na sua introdução, que ele foi elaborado de acordo com os princípios da CIPC. Porém, o seu tratamento das entradas de autor e título apresenta diversas divergências daqueles princípios. Foge ao escopo desta dissertação uma análise do CCAA 1, mas precisa-se registrar que as incongruências resultantes da aplicação de algumas de suas regras se refletiram nos nossos catálogos, causando problemas nas entradas de autor e título.

A CIPC não tratou da catalogação descritiva e os códigos dos diversos países apresentam regras diferentes para descrever os documentos. O CCAA 1 se baseou nas Normas de Catalogação Descritiva da Library of Congress (19), o que é muito natural, porque as bibliotecas americanas dependem da Library of Congress e de seu serviço de distribuição de fichas catalográficas. Os países que adotaram traduções do CCAA 1 se dispuseram a seguir, também, as regras da catalogação descritiva nele apresentadas.

Em 1968, foi proposto pela IFLA o International Meeting of Cataloguing Experts (IMCE), para examinar o desenvolvimento na teoria e prática da catalogação depois da Con

ferência de Paris.

Essa reunião, conhecida no Brasil pela sigla RIEC, foi realizada em Copenhague, em 1969, e de sua agenda constava:

1. revisão do progresso na aplicação da Declaração de Princípios e aprovação do texto definitivo da edição anotada, preparada por H.H.Chaplin e Dorothy Anderson;
2. estabelecimento de princípios para o conteúdo descritivo de entradas catalográficas. M.GORMAN foi encarregado de preparar um documento-base: ' "Bibliographical data on national bibliographic ' entries" (22) resultante do estudo de bibliogra ' fias nacionais de oito países: Inglaterra, Fran- ça, Alemanha, Suécia, Iugoslávia, Hungria, Estados Unidos e Argentina;
3. exame do Programa de Catalogação Cooperativa e da possibilidade de estendê-lo internacionalmente;
4. consideração do uso dos computadores no registro ' e troca de informações bibliográficas e o impacto da mecanização em catálogos.

As recomendações desse Encontro foram:

"Os esforços devem ser dirigidos para a criação de um sistema para a troca internacional no qual se estabelecera a descrição bibliográfica padronizada de cada publicação, que seria distribuída por uma agência nacional no país de origem da publicação. A distribuição será feita através de fichas ou de regis ' tros automatizados. A eficiência do sistema depende- rá da padronização mínima da forma e do conteúdo da descrição bibliográfica."

Para o estudo dessas recomendações, foram formados ' dois Grupos de Trabalho: o primeiro, cujo presidente foi Eva VERONA e participantes F.G. KALTWASSER, P.R. LEWIS e R. PIERRROT, examinou o texto provisório da edição anotada da Declaração de Princípios e publicou, em 1971, o texto defi- nitivo, com comentários e exemplos (15); o segundo, presidi- do por M.GORMAN, ficou encarregado de produzir um documento sobre normalização da catalogação descritiva. Em 1970, foi



publicado o esboço da SBD (Standard Bibliographical Description), origem das ISBD (International Standard Cataloguing Description).

Em 1979, foi publicada a segunda edição do Código de Catalogação Anglo-Americano (CCAA 2), que, segundo a declaração de seu editor M. GORMAN (21), incorporou os desenvolvimentos internacionais da catalogação, a partir de 1967.

A estrutura do CCAA 2 (4), segundo Gorman, foi planejada para produzir registros bibliográficos com múltiplas finalidades. A primeira tarefa do catalogador é o estabelecimento de um conjunto de dados descritivos padronizados relacionados com o objeto físico catalogado; a segunda, é a criação de pontos de acesso para autor e título (cabecinhos e títulos uniformes) para permitir a recuperação da descrição padronizada. Esses pontos de acesso se relacionam com a obra da qual o objeto físico é a manifestação. A diferença conceitual entre dados descritivos (baseados no objeto) e pontos de acesso (baseados na obra) é mantida pela estrutura do CCAA 2.

Gorman comenta que a idéia de Cutter sobre os três níveis de descrição catalográfica foi revivida no CCAA 2 que prescreve conjuntos de dados descritivos em três níveis.

Um ponto bastante discutido no processo de revisão que deu origem à nova edição do Código, foi a validade do conceito de "entrada principal". Os defensores da idéia apontavam sua importância central na teoria da catalogação convencional, sua posição inatacável em todos os grandes catálogos e a sua utilidade prática nos catálogos impressos e listagens bibliográficas. Os oponentes consideravam que as entradas principais originaram-se das limitações técnicas dos catálogos feitos pela tecnologia pré-mecanização e que a tecnologia moderna permitia um número de pontos de acesso equivalentes. O CCAA 2 tentou atender às duas facções e conservou o conceito de "entrada principal", reconhecendo porém que as instruções: "faça entrada principal sob" e "faça entradas secundárias sob", podem ser lidas como "faça entra

das sob".

Na introdução geral do AACR 2, informa-se que algumas regras apresentam alternativas e opções porque reconheceu-se que uma legislação uniforme para todos os tipos e tamanhos ' de catálogos não é possível ou desejável. Isto não quer di- zer que se contradiz o valor da normalização, pois as alter- nativas e opções devem ser aplicadas consistentemente dentro de um contexto particular e devem ser registradas pelos õ ' gãos catalogadores.

SHINEBOURNE (50) fez uma crítica detalhada do CCAA 2, principalmente com respeito às concessões feitas através de regras opcionais e alternativas e aos três níveis de catalo- gação descritiva. Termina seu artigo com as seguintes pala- ' uras:

"A finalidade de um código para a prática catalográfica é assegurar que uma unidade básica de referência ' possa ser construída a partir de uma entidade biblio- gráfica definida e que essa entidade seja relacionada através da designação de autoria e de título a outras entidades com o mesmo conteúdo ou uma versão desse ' conteúdo. Os princípios estabelecidos por Lubetzky serviriam de regras para isso e levariam a padrões, ' normalização e rotina do ato de catalogar. Dessa ma- neira, os registros seriam construídos quase mecanica- mente. O CCAA 2, com suas alternativas e opções, afas- tou-se do estabelecimento de regras-padrão baseadas ' em princípios coerentes".

Em resumo, parece que ainda há muito o que pesquisar e estudar para se criar uma teoria completamente desenvolvi- da sobre as funções dos catálogos. Muita coisa se sabe sobre as diferentes maneiras de organizar o catálogo, porém, pouco se sabe sobre o relacionamento entre a organização e as ne- ' cessidades dos usuários. Muitos estudos foram feitos sobre como os usuários consultam o catálogo, mas necessita-se usar a teoria estabelecida para relacionar os seus resultados.

## ESTUDOS DE USO DO CATÁLOGO

A literatura apresenta numerosas pesquisas sobre o uso do catálogo em bibliotecas, bem como um número razoável de revisões que sumarizam e comentam os estudos realizados em determinados períodos de tempo.

Para o desenvolvimento desta dissertação, foram examinados esses trabalhos e escolhidos os seguintes, que interessesavam diretamente ao tema proposto, isto é, ao estudo das funções do catálogo, com ênfase no catálogo de autor/título e na catalogação descritiva:

1. Duas revisões abrangentes que merecem uma atenção especial: "Catalog use studies and their implications", por James KRIKELAS (31) e "Studies of catalog use", por W.F. LANCASTER (32);
2. A pesquisa de Susan AKERS (1), em 1931, sobre catalogação descritiva, com alunos de várias escolas de arte dos Estados Unidos;
3. O CATALOGUE Use Study (2) da ALA, em 1958, abrangendo 39 bibliotecas de vários tipos, incluindo bibliotecas públicas, universitárias, especializadas e escolares;
4. O estudo levado a efeito por R.R. PALMER (42), em 1967, para sua tese de doutorado, sobre o uso do catálogo da University of Michigan General Library;
5. Os estudos de TAGLIACOZZO et al. (52), em 1968-69, também na University of Michigan, abrangendo 3 bibliotecas universitárias e uma biblioteca pública (Ann Arbor Public Library);
6. O estudo de Ben-Ami LIPETZ (33), em 1968-69, sobre o uso do catálogo da Yale University Library, onde foram entrevistados 2.134 usuários. Seu objetivo principal foi conhecer as necessidades dos usuários para sugerir melhorias no catálogo.
7. O UK Catalogue Use Survey (39), dirigido por MALTBY e

SWEENEY, abrangendo 39 bibliotecas públicas e universitárias do Reino Unido.

8. O BUCCS (Bath University Comparative Catalog Study) (6), realizado em 1973, com a finalidade principal de comparar quatro tipos de catálogos com ordenações e formatos diversos.

Foram citados outros estudos que apresentam resultados relevantes sobre o assunto. |

KRIKELAS (31) estabeleceu dois objetivos para a sua revisão: 1. determinar que espécie de dados se acumularam dos diversos estudos; 2. avaliar as implicações reais ou potenciais desses estudos no desenvolvimento dos catálogos.

Dividiu os estudos em duas fases: Os primeiros esforços (1931-1966) e os esforços recentes (1967-1970). Na primeira fase, a maioria dos estudos se restringiu a pesquisas sobre um tipo de biblioteca ou sobre uma única categoria de usuário, mas no seu conjunto, foram abrangidos vários tipos de bibliotecas e de usuário. Os objetivos dessas pesquisas poderiam ser agrupados nas seguintes categorias, de acordo com a informação procurada preferencialmente:

- a. estudos sobre os usuários do catálogo;
- b. estudos sobre as abordagens ao catálogo;
- c. estudos sobre as finalidades de uso do catálogo;
- d. estudos sobre o tipo de informação considerada útil pelos usuários;
- e. estudos sobre o desempenho dos usuários na consulta ao catálogo;
- f. estudos sobre o grau de frequência de uso e os problemas principais encontrados na consulta ao catálogo.

Os métodos empregados para coleta de dados variaram bastante. A maioria dos pesquisadores usou questionários ou entrevistas ou uma combinação de ambos, enquanto que outro grupo se caracterizou pelo uso de registros já existentes, como estatísticas de circulação, registro de questões de referência, etc.

Entre os estudos mais importantes dessa época, KRICKELAS salientou o trabalho pioneiro de Susan AKERS (1931), o abrangente "CATALOG USE STUDY" da American Library Association (1958) e a pesquisa efetuada por BROOKS e KILGOUR (1964), na Yale Medical Library.

Segundo Krikelas, a segunda fase se caracterizou pela atenção especial dedicada aos procedimentos estatísticos, principalmente no que se refere à amostra, e a uma análise mais completa dos dados coletados. Destaca dessa fase, os seguintes estudos: o de R.R. PALMER (1967) e o de TAGLIACOZZO et al. (1968-69), ambos na University of Michigan; e o de LIPETZ (1968-69), na Yale University.

Krikelas apresenta um resumo dos 54 estudos citados, em um capítulo que ele intitulou "Sumário, avaliação e implicações". Citando RANDALL (46): "Dê-nos uma idéia da natureza do usuário típico e poderemos construir um catálogo que qualquer pessoa possa usar, com sucesso", Krikelas considera que as pesquisas revelaram que existem duas dificuldades básicas nos estudos para construção de melhores catálogos:

1. chegar a um acordo sobre o que constitui um usuário típico e,
2. definir o sucesso nas buscas no catálogo.

Apresenta os seguintes dados acumulados dos diversos estudos:

1. entre 25% e 45% dos indivíduos que entram numa biblioteca, num determinado período, consultarão o catálogo, sendo que estudantes formarão o maior grupo de usuários do catálogo;

2. as abordagens de busca no catálogo variam e são relacionadas com o nível educacional do usuário: a frequência de buscas de documentos específicos aumenta na razão direta da elevação do nível educacional do usuário;

3. a maioria das consultas ao catálogo é feita para identificar material em inglês, de data relativamente recente, para trabalhos escolares;

4. os elementos das entradas catalográficas mais pro

curados são: autor, título, número de chamada, cabeçalhos de assunto e data de publicação;

5. entre 70% e 80% de todas as buscas são bem sucedidas, na medida em que o usuário consegue identificar algum documento relevante; 5% a 10% dos insucessos são atribuídos à falha da coleção.

Krikelas conclui que os bibliotecários, através dos tempos e pelo processo de acerto e erro, conseguiram criar um instrumento de busca bastante sofisticado e que a porcentagem de sucesso é bastante considerável. Sugere que sejam feitas mais pesquisas sobre as maneiras de melhorar essa porcentagem, sem se esquecer, porém, de verificar se os custos envolvidos justificariam as mudanças necessárias.

LANCASTER (32) comenta que são recentemente se fizeram tentativas sérias para avaliar a eficácia do catálogo como instrumento de recuperação da informação, apesar da sua existência, nas bibliotecas, há muitos séculos. Apresenta duas razões para esse fato: 1. o aumento de interesse dos bibliotecários pela avaliação dos serviços e operações da biblioteca; 2. a perspectiva de automação do catálogo: para se planejar os catálogos "on-line" é necessário saber como os catálogos existentes estão sendo usados, seus problemas e limitações.

Lancaster, na sua revisão, relata, com detalhes dos métodos usados e comentários sobre os resultados, diversos estudos sobre o uso do catálogo, salientando os seguintes: o "Catalog Use Study" da AIA, os estudos de Tagliacozzo et al, na University of Michigan, o estudo de Lipetz na Yale University; "Requirements for future Catalogs", estudo relatado por Swanson, em 1970 e o "UK Catalogue Use Survey", relatado por Maltby e Sweeney, em 1970.

Conclui, com base nos resultados dos estudos, que o sucesso das buscas no catálogo depende dos seguintes fatores:

1. da correção e integralidade da informação trazida pelo usuário;

2. do tipo de abordagem (autor ou título) nas buscas de documentos específicos;
3. da experiência e treinamento do usuário;
4. do número de pontos de acesso fornecidos pelo catálogo;
5. da adoção de entradas secundárias de título;
6. da inclusão de referências cruzadas necessárias;
7. do tamanho do catálogo e da complexidade de sua estrutura;
8. da qualidade das instruções e guias para o catálogo;
9. da perseverança, diligência e inteligência do usuário.

De acordo com Lancaster, os vários estudos sumariza ' dos forneceram dados interessantes e úteis sobre quem usa o catálogo nos diferentes tipos de bibliotecas, com que finalidade e com que porcentagem de sucesso. Na maioria dos estudos, usou-se a técnica de questionários e entrevistas. ' Alguns estudos investigaram as causas dos insucessos com suas respectivas porcentagens. A busca de item conhecido predominou e, por essa razão, tornou-se a parte mais importante de vários estudos. Concluindo, Lancaster comenta que os estudos se concentraram nos usuários do catálogo, mas que as características dos não-usuários e as razões pelas quais não consultam o catálogo requerem muito mais estudo.

As revisões de Krikelas e Lancaster abrangeram o período de 1931 a 1972. Os anos subseqüentes tiveram como característica definida, no campo da catalogação, um clima de expectativa determinado pela publicação da segunda edição do Código de Catalogação Anglo-Americano (CAA 2) e as notícias do fechamento do catálogo da Library of Congress. Aumentou a discussão com respeito à sobrevivência dos catálogos nas bibliotecas. RICHMOND (49) advertia: "O ciclo de revisão de regras catalográficas precisa ser quebrado e necessita-se de pesquisa em profundidade sobre o uso e abordagens aos catálogos", enquanto WOLF (56) predizia: "Já vimos a bibliote-

ca do futuro e ela não funcionará sem o catálogo e os catalogadores".

Chegou-se à conclusão que os principais pontos de interesse, abordados nos diversos estudos, são os seguintes:

- a) os diversos tipos de busca ou objetivos de consulta ao catálogo e sua relação com o nível de escolaridade do usuário;
- b) os resultados das buscas de item conhecido;
- c) as variáveis que influenciam esses resultados;
- d) as informações constantes nas entradas catalográficas que interessam realmente aos usuários.

### Tipos de busca e sua relação com o nível de escolaridade do usuário.

Para TATE (53), o dilema do catalogador origina-se no esforço para atender simultaneamente a três objetivos: localizar um livro determinado, reunir todas as obras de um autor e reunir a unidade literária, ou seja, todas as edições de uma determinada obra. Recomenda uma investigação da natureza e quantidade do uso do catálogo para encontrar todas as obras de um autor, pessoal ou corporativo e/ou todas as edições de uma obra. Considera que há pouca evidência do uso do catálogo com outras finalidades além da localização do item específico, mas existe uma considerável diferença de opinião a respeito.

Como as funções dos catálogos são determinadas pelo tipo de busca que os usuários levam a efeito, é muito importante que se determine, em cada biblioteca, o tipo de busca predominante.

O "CATALOG use study" (2), patrocinado pela ALA e dirigido por S. L. JACKSON, dividiu as buscas em: 1. busca de item conhecido; 2. busca de assunto. Nesse estudo, foram entrevistados 5.700 usuários. A distribuição total dos tipos de busca foi: 48%, buscas de item conhecido e 52%, buscas de assunto. JACKSON constatou que as buscas de assunto eram mais numerosas nas bibliotecas públicas e as de item conheci



do, nas bibliotecas acadêmicas.

LIPETZ (33) dedicou uma grande parte do seu estudo, 'na Yale University, à classificação das buscas, dividindo-as em quatro tipos:

1. busca de um documento específico (item conhecido)' cujo objetivo é localizar um documento do qual já se conhece a existência e se possui informação sobre autor e/ou título;

2. busca de itens de um assunto, cujo objetivo é identificar e localizar um ou mais documentos sobre um assunto 'determinado;

3. busca de um grupo de documentos, cujo objetivo é identificar e, às vezes, localizar documentos correspondentes a uma descrição bibliográfica específica (por ex. livros de um determinado autor, de uma determinada série, etc);

4. busca de dados bibliográficos, cujo objetivo é identificar determinadas entradas para recuperar informação específica na própria ficha catalográfica (por ex. para levantamentos bibliográficos).

Lipetz concluiu que, no seu estudo, 73% das buscas foram do tipo 1; 16%, do tipo 2; 6%, do tipo 3; e 5%, do tipo 4.

TAGLIACOZZO et al. (52), considerando que os processos utilizados nas buscas de item conhecido e de assunto são dissimilares, exigindo diálogos usuário/catálogo diferentes, 'classificaram as buscas examinadas no estudo feito na University of Michigan, em três tipos:

1. buscas de item conhecido, para as quais se necessita de uma listagem alfabética de autor/título (parte do catálogo) e do conhecimento da estrutura do catálogo e de regras de alfabetação (parte do usuário);

2. buscas de assunto, muito mais complexas, pois a espécie de conhecimento cognitivo necessário para se catalogar um livro com base no seu assunto (parte do catálogo) e para escolher um cabeçalho de assunto que levará a esse livro (parte do usuário) envolve um mecanismo fundamentalmente diverso;

3. outros tipos de busca.

No estudo de Tagliacozzo foram entrevistados 2.681 usuários e os tipos de busca ficaram assim distribuídos: 65%, tipo 1; 29,3%, tipo 2; 5,6%, tipo 3. Tagliacozzo comparou esses resultados com o resultado parcial da biblioteca pública de Ann Arbor, notando que a diferença entre as porcentagens de buscas de item conhecido e de assunto é bem menor na biblioteca pública. Um resultado constante em vários estudos foi que a proporção de buscas de item conhecido aumenta à medida em que o nível de escolaridade cresce.

O UK Catalogue use survey, relatado por MALTBY & SWEENEY (39), classificou as buscas em: 1. buscas de autor; 2. buscas de título e 3. buscas de assunto. Houve uma grande preferência pelas buscas de autor (55,4%) especialmente nas bibliotecas universitárias, onde um grande número de consultas ao catálogo tem como finalidade localizar um determinado item na biblioteca.

O BATH University Comparative Catalogue Study (6), realizado em 1973, analisou as buscas de acordo com os quatro tipos estabelecidos por Lipetz. Os resultados apontaram 83% de buscas de item conhecido e 17% de buscas de assunto.

Tendo em vista esses resultados, não se admira que as buscas de item conhecido tenham merecido muito mais atenção nos estudos e, de acordo com LANCASTER (32) "esse fato é bastante razoável, pois, a finalidade primordial do catálogo é indicar se a biblioteca possui ou não determinado item".

### Resultados das buscas de item conhecido.

KOCHEN (30) apresentou a seguinte definição operacional de sucesso na consulta ao catálogo:

"Considera-se uma busca com sucesso, quando o usuário encontra uma ou mais entradas que lhe interessam e anota os números de chamada que identificam os documentos, com a aparente intenção de procurá-los nas estantes ou solicitá-los no balcão de empréstimo".

Adaptando-se essa definição às buscas de item conhecido, pode-se dizer, então, que uma busca é considerada com su

cesso, quando o usuário encontra a representação do documento no catálogo e, por meio do respectivo número de chamada, pode localizá-lo na estante ou solicitá-lo no balcão de empréstimo.

TAGLIACOZZO et al. (52) comentam, entretanto, que a porcentagem de insucessos nas buscas, embora seja um bom indicador da frustração do usuário, não fornece uma medida da sua eficácia na consulta ao catálogo. A questão seria melhor apresentada da seguinte maneira: quantos usuários deixam de encontrar a entrada certa quando existe realmente uma representação do documento no catálogo? Assim, poder-se-ia dividir as buscas sem sucesso em duas categorias: a) a ficha catalográfica procurada estava no catálogo e o usuário não a encontrou (falha do usuário) e b) não havia uma ficha catalográfica correspondente ao item procurado (falha da coleção ou do catálogo).

KRIKELAS (31) salienta que "uma busca que indica, corretamente, que a biblioteca não possui o item procurado, não pode ser considerada sem sucesso, em termos de desempenho do catálogo, embora o usuário possa ter ficado insatisfeito com o resultado".

No "CATALOG use study" da ALA (2), a porcentagem geral de sucesso, nas buscas de item conhecido, foi de 66%. Dos 2.690 casos examinados, 903 foram de buscas sem sucesso. Deve-se notar, porém, que 453 dessas buscas se referiam a itens não representados no catálogo e foram, portanto, consideradas como falha da coleção e não da interação usuário/catálogo. Assim, dos 2.237 itens procurados e que estavam representados no catálogo, houve um total de 450 buscas sem sucesso ou 20%. A porcentagem real de sucesso foi, então, de 80%.

PALMER (42) relatou 85% de buscas bem sucedidas entre as buscas de item conhecido. Não comentou sobre as causas dos insucessos.

O estudo de LIPETZ (33) encontrou uma porcentagem de 84% de sucesso. As buscas sem sucesso se deviam a falhas da

coleção (10%) e as falhas da interação usuário/catálogo (5%). Numa continuação do estudo, feita alguns meses depois, aproximadamente 1/5 dos itens não representados no catálogo, por ocasião da primeira pesquisa, tinham sido acrescentados. LIPETZ caracterizou as buscas sem sucesso feitas a esses itens como "devidas a atrasos no processamento".

TAGLIACOZZO et al. (52) apresentaram um total de 490 buscas sem sucesso entre as 1.745 buscas de item conhecido, ou seja, uma porcentagem de 28,1% de insucessos. Considerando, porém, que em 293 casos, não havia representação do documento no catálogo, a porcentagem de buscas com sucesso pode ser ajustada para 88,7%. Examinando os resultados, nas quatro bibliotecas estudadas, separadamente, nota-se que a proporção de falhas da coleção tende a diminuir à medida em que o tamanho da biblioteca cresce, enquanto que a proporção de falhas na interação usuário/catálogo tende a crescer.

Na University of Newcastle upon Tyne, foi levado a efeito um estudo, relatado por MORRIS (40), durante dois dias do mês de Novembro de 1969 e um dia do mês de Novembro de 1970. A técnica empregada foi a do "instant diary" onde o usuário anotava as buscas que fazia, os problemas encontrados e os resultados das buscas. Em 1969, a porcentagem de sucesso foi de 71% e, em 1970, de 74%.

De acordo com os resultados desses estudos, verifica-se que as porcentagens de sucesso nas buscas de item conhecido são bastante altas. Isto confirma o que disse CHERVENIE (12):

"O catálogo de bibliotecas é um instrumento bastante pobre para lidar com conceitos gerais; é, entretanto, quase o único instrumento para localizar um determinado livro em uma determinada biblioteca".

#### Variáveis que influenciam os resultados das buscas.

TAGLIACOZZO (52) descreveu a busca no catálogo como uma tentativa de combinar uma representação mental de um item

de informação com a representação correspondente no catálogo. Caracterizou o processo por três conjuntos de variáveis:

a) variáveis relacionadas com o usuário, tais como sua escolha de uma determinada representação lingüística do item que procura, seu reservatório de informação, de pistas para a busca;

b) variáveis relacionadas com o catálogo, tais como seu tamanho e estrutura, seu léxico e seus recursos sindéticos;

c) variáveis relacionadas com a interação usuário/catálogo, tais como a maneira pela qual o usuário reage a uma determinada resposta do catálogo e os mecanismos que usa para ajustar suas prioridades e expectativas ao sucesso ou insucesso nas buscas.

PERRINE (43) identificou seis dificuldades básicas no desempenho dos usuários na consulta ao catálogo:

1. as regras de alfabetação usadas nos catálogos;
2. cabeçalhos de assunto muito gerais;
3. a estrutura de referências e remissivas;
4. a falta de entradas secundárias;
5. informação bibliográfica imperfeita;
6. números de chamada incompreensíveis.

A precisão da informação trazida pelo usuário foi o fator mais importante na determinação do sucesso nas buscas do CATALOG use study (2) embora a familiaridade do usuário com o catálogo influenciasse favoravelmente o seu grau de sucesso e o tamanho do catálogo agisse de maneira contrária.

AVRES et al. (5), em 1968, examinaram 450 pedidos feitos a uma biblioteca especializada, o Atomic Weapon Research Establishment. Encontraram uma porcentagem de informações sobre o título 90,4% corretas e um adicional de 2,9% que poderiam ser facilmente encontradas. 74,7% das citações de autor eram corretas e 14% passíveis de serem encontradas.

O estudo mais completo sobre correção e integralidade dos dados trazidos pelo usuário sobre autor e título, foi

feito por TAGLIACOZZO et al. (52). Os autores consideram que uma busca de item conhecido consiste, essencialmente, na tentativa de comparar alguma descrição escrita ou memorizada do item procurado com a sua correspondente descrição no catálogo. O usuário pode ter informação sobre autor e/ou título. Cada um destes dois componentes tem duas propriedades: correção e integralidade. Dessas duas propriedades vai depender a extensão da similaridade entre a citação autor/título do usuário e a representação no catálogo. TAGLIACOZZO et al. estabeleceram categorias de correção e integralidade para a informação sobre autor e título.

Para o título, foram estabelecidas as seguintes categorias:

- A - título correto e completo. Não deve haver palavra extra ou faltosa e todas as palavras devem estar nos seus próprios lugares;
- B - duas primeiras palavras do título são corretas. O título como um todo é incorreto ou incompleto ou ambos;
- C - primeira palavra correta, mas a segunda é incorreta ou está faltando;
- D - todos os componentes corretos, mas a primeira palavra não é a primeira palavra do título real;
- E - o título contém pelo menos uma palavra correta e uma incorreta, mas a primeira palavra não é correta. O título pode conter mais ou menos palavras que o título real;
- F - o título não contém nenhuma palavra correta;
- G - o usuário não tem conhecimento do título e não tenta sequer advinhá-lo.

Foi mais difícil estabelecer as categorias de autor. A sua integralidade tem que ser examinada sob dois níveis diferentes porque um livro pode ter dois ou mais autores. Tendo em vista a natureza bastante complexa desta análise, tratou-se em detalhe dos autores pessoais. Os itens de autoria coletiva, impessoal ou anônima, foram colocados numa categoria à parte (Grupo N). É a seguinte a tabela apresentada, de acordo com o número de autores citados:

- GRUPO U - o usuário não sabe o nome do autor;  
 GRUPO P - o usuário sabe o nome de um autor;  
 GRUPO P<sub>1</sub> - o item tem um autor;  
 GRUPO P<sub>2</sub> - o item tem dois ou mais autores;  
 GRUPO Q - o usuário conhece dois ou mais autores do item;  
 GRUPO Q<sub>1</sub> - o item tem só um autor;  
 GRUPO Q<sub>2</sub> - o item tem dois ou mais autores;  
 GRUPO N - obras de autoria coletiva, anônima ou difusa.

O grupo P<sub>1</sub> abrangeu 68,6% da amostra e foi, então escolhido para análise.

Categorias de autor individual:

- a - nome do autor correto e completo;  
 b - nome do autor correto, mas incompleto, faltam o primeiro nome ou as iniciais;  
 c - nome completo, último nome escrito corretamente, mas o primeiro nome ou as iniciais são incorretos;  
 d - nome do autor é completo, mas o sobrenome tem erros ortográficos a partir da 4a. letra;  
 e - o sobrenome é correto, mas o nome como um todo é incorreto ou incompleto;  
 f - o sobrenome do autor tem erro ortográfico nas três primeiras letras;  
 g - o nome do autor apresentado pelo usuário é incorreto.

Foram encontradas 41,9% de citações corretas de autor (categoria a) e 70% de citações corretas de títulos (categoria A).

TAGLIACOZZO e seus companheiros tentaram, também, verificar se havia diferença no grau de correção e integralidade da informação sobre autor e título, quando o usuário trazia a informação por escrito ou memorizada. A diferença nas categorias A e a não foi muito marcante: para o título, 81% nas informações por escrito e 71,6% nas informações memorizadas; para o autor, 53,7% e 50%. Essa falta de diferenças significantes pode intrigar, mas pode ser explicada, considerando-se que erros aparecem também nas referências escritas e mesmo nas bibliografias publicadas em documentos oficiais ou científicos.

Comparando o grau de correção e integralidade da informação autor/título com os resultados das buscas, TAGLIACOZZO et al. apresentaram uma tabela, onde foram juntadas algumas categorias para detectar tendências significativas:

Número de buscas sem sucesso em relação ao grau de correção e integralidade da informação sobre autor/título.

AUTOR	Nº de buscas	Buscas sem sucesso	TÍTULO	Nº de buscas	Buscas sem sucesso
Grupo I a	459	4,1%	Grupo I A	670	5,8%
Grupo II b	292	6,8%	Grupo II B-C	63	14,3%
Grupo III c-d-e	67	14,9%	Grupo III D-E	93	10,7%
Grupo IV f-g	46	28,3%	Grupo IV F	38	10,5%

Estes dados indicam que os usuários conseguiram com pensar razoavelmente as deficiências de informações sobre autor e título, exceto no Grupo IV de autor, quando 28,3% das buscas foram sem sucesso. Com relação à informação sobre o autor, nota-se que o grau de precisão está relacionado com o grau de sucesso: quanto mais alta a precisão, menor a porcentagem de insucessos. O mesmo não acontece com a informação sobre o título.

Os questionários aplicados no BATH University Comparative Catalogue Study (6) incluíam perguntas sobre a informação trazida pelo usuário. Na apuração dos dados, verificou-se que 69,6% dos entrevistados tinham informação correta sobre o autor e 56,5% sobre o título. Não foi verificada a influência da correção sobre o sucesso nas buscas.

A familiaridade do usuário com o catálogo e a biblioteca foi considerada em muitos estudos como fator de influên



cia no sucesso das buscas, porém não houve um estudo sistemático dessa influência.

KRIKELAS (31) concluiu suas considerações sobre o desempenho do usuário na consulta ao catálogo, com as palavras:

"Os problemas de consulta ao catálogo levaram muitos' investigadores a enfatizar a necessidade de se providenciar assistência e instrução no seu uso, porém, o grau de sofisticação ou a quantidade de instrução considerada necessária ou desejável não foram claramente definidos".

Um aspecto muito enfatizado pelo UK Catalogue use survey (39) foi a relação entre o volume de consulta ao catálogo e o grau de instrução que os usuários tinham recebido sobre seu uso (cinco itens do questionário aplicado tratam deste assunto). Os investigadores concluíram que aqueles usuários que tinham recebido instrução consultariam mais e com melhor proveito o catálogo. Não foram usadas técnicas estatísticas para testar essa associação.

Outro fator citado como determinante do sucesso das buscas foi a perseverança do usuário, isto é, o número de tentativas feitas para encontrar a entrada desejada. Nas buscas de item conhecido, isto diz respeito, também, à escolha do ponto de acesso para iniciar a busca.

TAGLIACOZZO et al. (52) fizeram uma distinção entre "acesso" e "reconhecimento" (identificação) na busca de item conhecido. Quando a busca se inicia sob o nome do autor, o título será usado para identificar, dentre as obras do autor, aquela que corresponde ao item procurado. Mas, se o título for escolhido como ponto de acesso, o nome do autor será usado para verificar se a entrada encontrada é realmente a desejada. Para o acesso, necessita-se de informação muito mais precisa do que para a identificação.

No estudo de TAGLIACOZZO, 65,5% dos usuários preferiram o autor como primeiro ponto de acesso e 28,9%, o título; um pequeno número, representado por 5,6%, escolheu um cabeçalho de assunto para iniciar a busca, talvez, por não possuir informação bastante sobre autor ou título. Nesses dados fo-

ram incluídas buscas nas quais o usuário não tinha opção de escolha, isto é, sabia o nome do autor ou o título. Mas, quando o usuário possuía informação sobre autor e título, 85,2% iniciaram a busca pelo autor. Esta constatação é interessante, quando se recorda que, nesse mesmo estudo, verificou-se que o nível de precisão da informação sobre o título foi muito mais alta. Com relação à perseverança nas buscas, foi constatado que mais da metade dos usuários que não conseguiram encontrar o item desejado na primeira tentativa desistiram da busca.

LIPETZ (33) apontou uma preferência pelo autor como primeiro ponto de acesso (62%) embora a informação sobre o título se apresentasse mais correta.

MALTBY, no UK Catalogue use survey (39), pesquisou a escolha de pontos de acesso, encontrando também uma preferência marcante para buscas sob o nome do autor, principalmente nas bibliotecas universitárias, atribuindo o fato à tradição universitária de respeito à autoria individual.

Na University of Chicago, foi realizado, em 1971, um estudo denominado "Requirements for future catalogs", cujo objetivo principal foi resumido por SWANSON (51):

"Que informação deve ser registrada nos futuros catálogos e como deve ser organizada e apresentada para atender melhor às necessidades daqueles que procuram material nas bibliotecas? Não se presume que se deva conhecer somente as necessidades do usuário do presente, porque as necessidades latentes dos que não consultam o catálogo seriam, talvez, as mais pertinentes para o planejamento dos futuros catálogos".

O estudo foi dedicado a determinar quais as características dos livros que as pessoas recordam com mais facilidade e a relação disto com o uso potencial para recuperar a informação. 88 usuários examinaram 5 livros cada um e, uma semana depois, comunicaram quais as características daqueles livros de que se lembravam. Dos 391 títulos citados, 231 corretamente respondiam exatamente ao título real do livro, 24 diferiam ligeiramente e 64 não puderam ser identificados. Somente 92 usuários recordaram o nome do autor, sendo que 39 apresenta

ram o nome correto, 31, o sobrenome correto e 22, um nome in correto.

LANCASTER (32) comentou sobre esses resultados:

"Vários estudos mostraram que a informação trazida pelos usuários sobre o título é mais precisa do que a informação sobre autor; as buscas pelo título têm mais chance de sucesso e são processadas mais rapidamente. O usuário consegue compensar mais facilmente as falhas na informação sobre o título. Mas, apesar de todas essas considerações, os usuários preferem o nome do autor como primeiro ponto de acesso".

### Informações da entrada catalográfica que interessam ao usuário.

Uma preocupação constante em todos os estudos examinados, desde a pesquisa de AKERS (1) até o BATH University ' Comparative Catalogue Study (6), foi a quantidade e qualidade de detalhes descritivos que interessariam realmente aos usuários. Tentou-se verificar quais das informações recomendadas pelos códigos de catalogação se justificariam no catálogo dos diversos tipos de bibliotecas e se os usuários delas faziam uso para identificar obras ou escolher itens que lhes interessariam.

Susan AKERS (1), em 1931, procurou saber que elementos da entrada catalográfica eram usados pelos alunos de diversas escolas de arte. Os elementos mais valorizados nos 257 questionários respondidos foram a data de publicação (91,5%) e a nota de conteúdo (83,3%).

No estudo da ALA (2), fez-se uma investigação sobre os critérios pelos quais os usuários selecionavam itens sob um determinado cabeçalho de assunto. O título foi o elemento mais indicado e depois dele, a data de publicação.

Um dos objetivos principais do estudo de PALMER (42) foi determinar se um catálogo computarizado que apresentasse dados bibliográficos abreviados de cada item satisfaria os usuários. 84% dos usuários entrevistados consideram como elementos indispensáveis o autor, o título, o número de cha-

mada, cabeçalhos de assunto e data de publicação. Sugeriram' a inclusão de nota de conteúdo.

LIPETZ (33) procurou saber que elementos de entrada catalográfica seriam usados para escolher documentos sob o mesmo cabeçalho de assunto. A data de publicação foi considerada muito importante e, por isso, houve a sugestão de se arranjarem as entradas cronologicamente sob os diversos cabeçalhos de assunto. Outros elementos indicados sem determinação de ordem de importância, foram: autor, título, subtítulo e língua.

MALTBY & SWEENEY (39), analisando os resultados do UK Catalogue use survey, concluíram que a maior parte dos detalhes descritivos não justifica sua existência nas entradas catalográficas, a não ser que o catálogo seja muito usado pelos funcionários da biblioteca como substituto de bibliografias. Os dados considerados importantes foram: data de publicação, publicador, edição e preço (que geralmente não é colocado nas entradas). A paginação e ilustração foram pouco mencionadas e somente três usuários citaram a informação sobre o tamanho do livro. "Parece, então que a informação descritiva é raramente usada, o que se compreende, pois o catálogo é muito mais usado na maioria das bibliotecas para ver se as obras existem na biblioteca e como localizá-las", finalizam os relatores.

MACLEAN (37) aplicou o mesmo questionário usado no UK Catalogue use survey, na Nova Zelândia e, ao interpretar os resultados, concluiu que, além do título e do autor, os únicos elementos da entrada catalográfica de interesse real para o usuário típico eram editora, data de publicação e edição.

Um dos objetivos do BUCCS (6) foi verificar a adequação de catálogos com entradas reduzidas, como o Bath Mini-Catalogue. Na conclusão, os autores da pesquisa declararam que não foi detectada nenhuma busca que fosse prejudicada pela redução da descrição bibliográfica nas entradas. Indagou-se, também, que informação contida na ficha catalográfica in

fluenciaria a escolha numa busca sob um determinado cabeçalho de assunto. Os elementos mais indicados foram o título (63%), a data de publicação (53%) e o autor (33%).

Examinando os resultados dos diversos estudos, chegou-se às seguintes conclusões:

1. Houve uma concordância entre os resultados apurados.
2. Grande parte das pesquisas foi feita em bibliotecas universitárias, fato que pode prejudicar um pouco a comparação dos resultados com estudos sobre outros tipos de bibliotecas.
3. A maioria dos estudos se concentrou em medidas de uso do catálogo e foram feitas poucas avaliações, ou melhor, microavaliações de desempenho do catálogo e do usuário na sua consulta.
4. A interação usuário/catálogo foi pouco explorada.
5. As análises das causas dos insucessos nas buscas foram limitadas devido, talvez, a dificuldades metodológicas, conforme salientou LANCASTER (32).
6. Os custos de manutenção do "status-quo" do catálogo e de sua subutilização versus mudanças necessárias para melhorar seu desempenho, só foram cogitados no BUCCS (6).
7. Em decorrência, talvez, desta análise ter sido feita através de artigos e comentários sobre as pesquisas e não dos próprios relatórios, sentiu-se uma falta de ligação da pesquisa empírica com um marco teórico, excetuando-se no trabalho de TAGLIACOZZO et al. (52).-

## CAPÍTULO III

### BIBLIOTECA CENTRAL DO SESC

Em 1948, foi instalada em Minas Gerais a Administração Regional do SESC. Em 1957, foi criada a sua Biblioteca Central, localizada à Rua Tupinambás, 936, Belo Horizonte.

Atualmente o conjunto das bibliotecas do SESC em Minas Gerais abrange a Biblioteca Central, 12 bibliotecas sucursais (3 em bairros de Belo Horizonte e 9 no interior do Estado), a Biblioteca Ambulante que compreende o serviço de "Caixas-Estantes", instaladas em firmas comerciais e o "Carro-Biblioteca" que atende a 8 bairros da periferia da Capital.

A Biblioteca do SESC foi criada, como especificado no documento de criação do SESC, como uma das "medidas que contribuam para o bem-estar social e melhoria de padrão de vida dos comerciários e suas famílias".

Com o correr dos anos e devido à falta de bibliotecas em número suficiente para atender à população de Belo Horizonte, transformou-se em biblioteca pública, servindo a um grande número de usuários, especialmente estudantes, de outras categorias sociais.

A Biblioteca Central fica aberta das 8 horas às 20 horas, de segunda a sexta-feira. O empréstimo domiciliar é feito pelo prazo de 15 dias.

A sala de leitura é dividida em três partes: uma, para leitura de jornais e revistas; outra, para leitura de livros e consulta a obras de referência e a terceira, para estudo com material trazido pelo usuário.

O acervo de livros, composto de, aproximadamente, 24.700 volumes, contém um grande número de obras de literatura brasileira e de traduções de obras de outras literaturas,

bem como uma parte representativa de livros didáticos.

O catálogo de livros é um catálogo dicionário dividido, com alfabetações distintas para autor/título e assunto.<sup>1</sup> O catálogo da coleção infantil está arquivado em gavetas separadas, mas no mesmo fichário do catálogo geral.

As entradas de autor e a catalogação descritiva são feitas de acordo com o manual de catalogação simplificada, da profa. Cordélia Robalinho Cavalcanti.<sup>1</sup> O número de chamada é formado pelo número de classificação, de acordo com a Classificação Decimal de Dewey (18a. edição) e pela notação de autor, baseada na Tabela de Cutter-Sanborn.

A localização do catálogo é apropriada para estimular o seu uso, pois os fichários que o contêm se situam em local bastante visível e de fácil acesso, sendo que para se chegar ao balcão de referência, deve-se, obrigatoriamente, passar à sua frente.-

1. CAVALCANTI, C.R. Catalogação simplificada. Brasília, Universidade de Brasília, 1970.

## CAPÍTULO IV

### M E T O D O L O G I A

Para caracterizar a clientela da Biblioteca do SESC e colher os dados necessários para examinar os aspectos do problema proposto no Capítulo I, optou-se por uma entrevista se mi-estruturada a ser aplicada em duas etapas: a primeira, quando o usuário se dirigia ao catálogo, a segunda, após ter completado a busca.

Na impossibilidade de se estabelecer uma amostra baseada na população total, pois a clientela da biblioteca é variável de ano para ano, decidiu-se fazer, na semana anterior à realização das entrevistas, um levantamento do número de usuários que entravam na biblioteca e para onde se dirigiam em 1º lugar. Esse levantamento foi feito por períodos de 4 horas, das 8 às 20 horas, de segunda a sexta-feira. A sua finalidade foi saber: 1. quantos usuários compareceram à biblioteca no período estudado; 2. quais os horários de maior movimento; 3. quantos usuários se dirigiam em primeiro lugar: ao catálogo, ao bibliotecário, às estantes ou às mesas de estudo.

A Tabela I apresenta o resultado desse levantamento, que se realizou no período de 03 a 07/03/1980. O Gráfico 1 representa os resultados desta tabela.

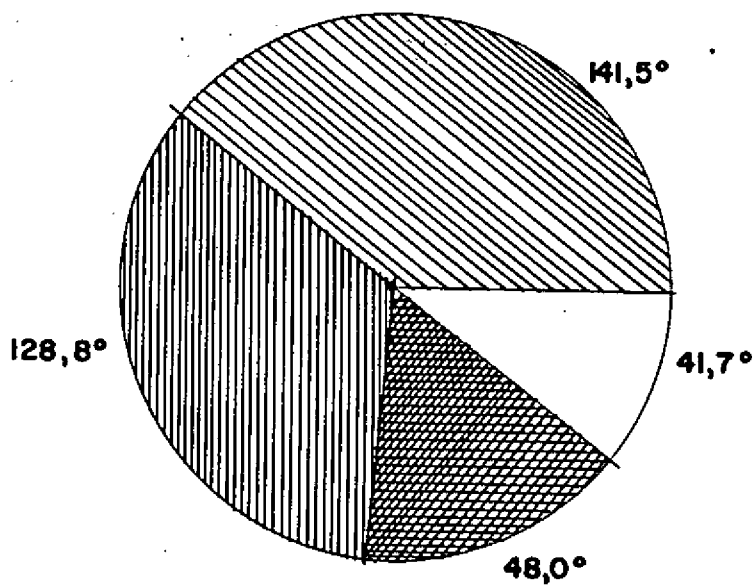
A Tabela II especifica a frequência de usuários que se dirigiram em 1º lugar ao catálogo, nos diversos horários.

Observando os resultados do levantamento e considerando que os usuários que se dirigiam em primeiro lugar ao bibliotecário ou às estantes poderiam, posteriormente, consultar o catálogo, estabeleceu-se um cronograma para aplicação das entrevistas e, nos horários prefixados, foram entrevistados todos os usuários que se dirigiram ao catálogo.



## GRAFICO I

USUARIOS DA BIBLIOTECA CENTRAL DO SESC, NO PERIODO DE 3 a 7 / 3 / 1980



## LEGENDA

- |   |               |
|---|---------------|
|  | BIBLIOTECÁRIO |
|  | CATÁLAGO      |
|  | ESTANTES      |
|  | MESA          |

A Tabela III mostra a distribuição das entrevistas pe los horários prefixados.

O Gráfico 2 apresenta o resultado comparativo entre os dados das tabelas II e III.

TABELA I

Levantamento realizado no período de 03 a 07/03/1980

HORAS CONSULTAS	LEITORES			TOTAL	f %	GRAUS
	8-12	12-16	16-18			
Bibliotecários	36	55	22	113	11,6	41,7
Catálogo	52	54	24	130	13,3	48,0
Estantes	88	141	120	349	35,8	128,8
Mesa	136	130	117	383	39,3	141,5
TOTAL	312	380	283	975	100,0	360,0

TABELA II.

Usuários do catálogo no período de 03 a 07/03/1980, distribuí dos por dia da semana e horários

DIAS DA SEMANA HORÁRIOS	2a.	3a.	4a.	5a.	6a.	TOTAL	f %	Fa %
	8-12	8	9	7	3			
12-16	5	13	6	12	18	54	41,5	81,5
16-20	7	8	6	-	3	24	18,5	100,0
TOTAL	20	30	19	15	46	130	100,0	-

TABELA III

Entrevistas realizadas no período de 10 a 21/03/1980, distribuídas por dias da semana e horários

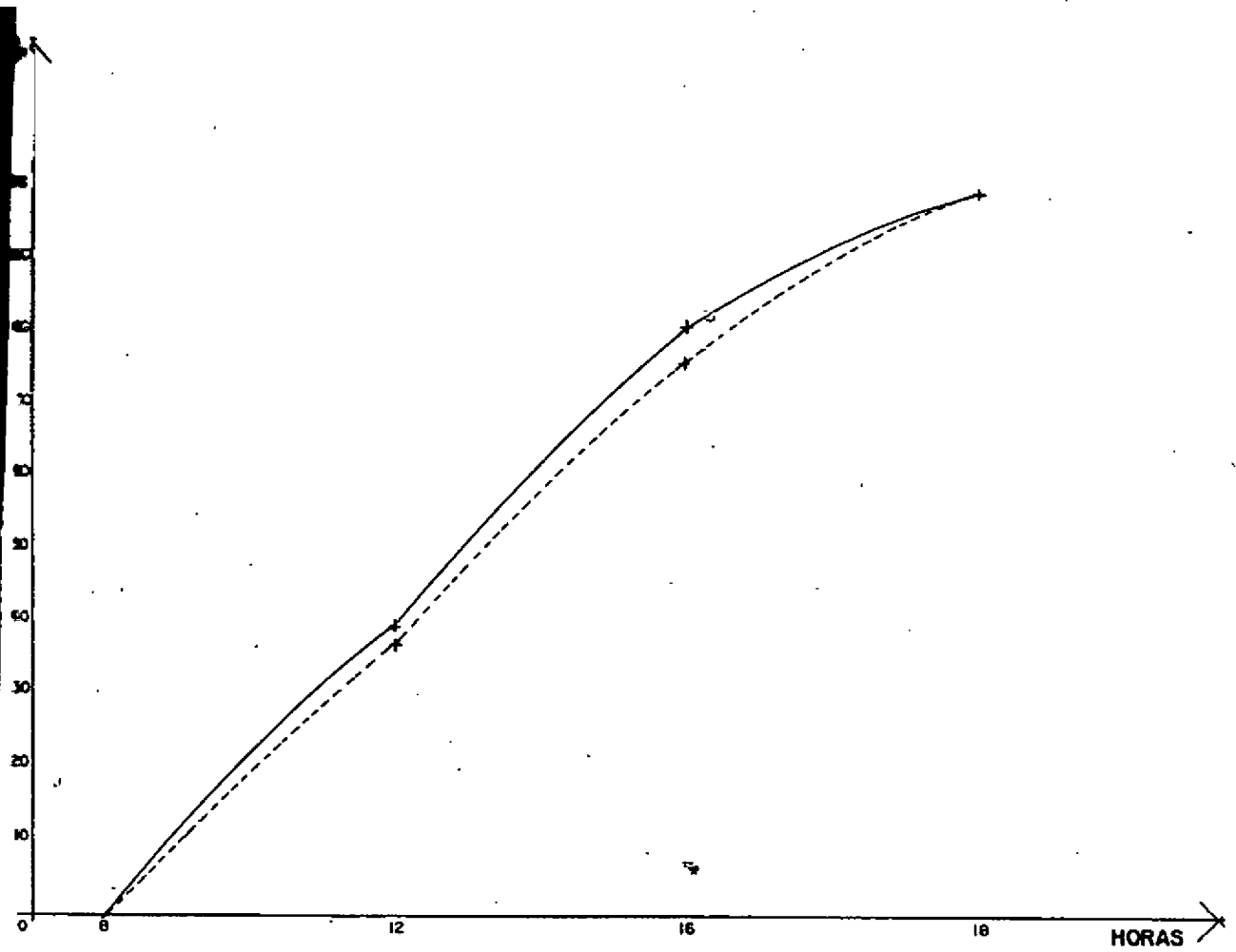
DIAS DA SEMANA HORÁRIOS	DIAS DA SEMANA					TOTAL	f%	Fa %
	2a.	3a.	4a.	5a.	6a.			
8-12	20	20	14	-	21	75	37,5	37,5
12-16	12	20	21	22	23	98	49,0	86,5
16-20	-	10	-	10	7	27	13,5	100,0
TOTAL	32	50	35	<del>32</del>	51	200	100,0	-

O roteiro da entrevista (anexo 1), continha uma parte comum e três conjuntos diferentes de perguntas, de acordo com as finalidades de busca dos usuários. Aos usuários que procuravam obras de um autor e itens de um assunto, perguntou-se que elementos da entrada lhes interessavam e quais os ajudariam na escolha de um ou mais itens. Nas buscas de item conhecido, objeto de um estudo mais aprofundado, a entrevista continha perguntas sobre a informação trazida sobre autor e/ou título, fonte indicadora da informação e elementos da entrada catalográfica que interessariam aos usuários. Para facilitar o estudo de cada caso, criou-se um modelo de ficha de registro de dados. No anexo 2, apresenta-se o modelo da ficha de registro de dados.

Após a busca, perguntou-se aos usuários (buscas de item conhecido) o resultado da mesma, número de tentativas feitas e ponto de acesso preferido (autor ou título). Nas buscas com sucesso, observou-se a informação copiada pelo usuário e indagou-se se ele saberia encontrar o livro desejado nas estantes. Posteriormente, comparou-se a informação trazida pelo usuário sobre autor e/ou título com a represen-

## GRAFICO 2

COMPARAÇÃO ENTRE FREQUÊNCIA DE CONSULTA AO CATÁLOGO E DISTRIBUIÇÃO DAS ENTREVISTAS NOS DIVERSOS HORARIOS DE FUNCIONAMENTO DA BIBLIOTÉCA



## LEGENDA

- ENTREVISTAS
- - - LEVANTAMENTO ANTERIOR

tação do documento no catálogo, para:

1. saber se existia esta representação;
2. determinar o nível de precisão da informação trazida pelo usuário;
3. tentar determinar a causa dos insucessos.

Submeteu-se o roteiro da entrevista a um pré-teste, em que foram entrevistados 10 usuários do catálogo, em dois dias consecutivos. Foram identificados alguns problemas com a terminologia das perguntas, bem como na maneira e ordem de apresentá-las.

Por ocasião das entrevistas, o entrevistador se colocou próximo ao catálogo, de modo a ter uma visão do usuário no processo de consulta, sem contudo fazer uma observação ostensiva, para não intimidá-lo e ocasionar mudanças no seu comportamento de busca.

Para o exame da correção e integralidade da informação sobre autor e/ou título trazida pelo usuário, adotou-se uma adaptação da categorização estabelecida por TAGLIACOZZO et al. (52) no estudo que fizeram na University of Michigan. Essa adaptação foi feita após a realização das entrevistas, de acordo com os casos apresentados.

Para a informação sobre autor, estabeleceu-se uma listagem de cinco categorias, de "a" a "e", assim distribuídas:

- a - nome correto e completo;
- b - 1º elemento da entrada correto, outros nomes incorretos ou faltosos;
- c - nome completo, 1º elemento de entrada tem erro ortográfico, a partir da 2a. letra;
- d - erro na escolha do elemento de entrada;
- e - o usuário não sabe o nome do autor ou sabe o nome errado.

Com relação à informação sobre o título, as categorias foram as seguintes:

- A - título correto e completo;
- B - 1a. palavra correta, outras palavras incorretas ' ou faltosas;
- C - 1a. palavra incorreta;
- D - todos os componentes corretos, mas a ordem das palavras não é a do título real;
- E - todas as palavras incorretas;
- F - o usuário não sabe o título.

Para facilitar a comparação desses resultados com a relação de buscas com ou sem sucesso, reuniu-se algumas categorias, por nível de precisão da informação.

#### AUTOR

- Precisão alta - grupo I - categoria "a"
- Precisão moderada - grupo II - categorias "b-c"
- Precisão baixa - grupo III - categoria "d"
- Precisão nula - grupo IV - categoria "e"

#### TÍTULO

- Precisão alta - grupo I - categoria A
- Precisão moderada - grupo II - categoria B
- Precisão baixa - grupo III - categorias C-D
- Precisão nula - grupo IV - categorias E-F

A base para essa divisão em grupos foi o tipo de erros ou falhas na informação comparado com a possível influência sobre o sucesso nas buscas.

Foram aplicadas 205 entrevistas, porém, 5 foram rejeitadas por estarem incompletas ou apresentarem dados não confiáveis ou pertinentes.

Os dados obtidos foram tabulados, analisados e comparados com os resultados dos estudos comentados na revisão de literatura e com as suposições levantadas no Capítulo I.-

## CAPÍTULO V

### RESULTADOS

#### Apresentação

#### Caracterização da clientela

Os usuários da Biblioteca Central do SESC são registrados anualmente, à medida em que comparecem à biblioteca. De acordo com a ficha de registro, são distribuídos nas seguintes categorias: comerciário, dependente (de comerciário), funcionário do SESC e outros.

TABELA 1

Usuários de acordo com as categorias constantes da ficha de registro na biblioteca

CATEGORIAS	f	f %
Comerciário	60	30,0
Dependente	28	14,0
Funcionário SESC	7	3,5
Outros	105	52,5
TOTAL	200	100,0

A tabela 1 reflete as categorias dos usuários entrevistados. Pode-se verificar que a categoria outros, abrange mais de 50,0% do total, sendo que, dentro da própria categoria, os estudantes formam a grande maioria (92). O restante é formado por 7 bancários, 3 funcionários públicos, 2 professoras primárias e 1 piloto.

Com respeito ao nível de escolaridade, a maioria dos usuários (51,5%) está no nível de 2º grau, conforme se vê na tabela 2.

TABELA 2

Usuários de acordo com o nível de escolaridade

NÍVEL DE ESCOLARIDADE	f	f %
1º grau	45	22,5
2º grau	103	51,5
Universitário	39	19,5
Outros (Pré-vestibular, técnico)	13	6,5
TOTAL	200	100,0

TABELA 3

Usuários de acordo com a situação escolar

SITUAÇÃO ESCOLAR	1º GRAU		2º GRAU		UNIVERSITÁRIO		OUTROS		TOTAL	
	f	f %	f	f %	f	f %	f	f %	f	f %
Curso completo	10	22,2	26	25,2	3	7,7	-	-	39	19,5
Curso interrompido	2	4,5	7	6,8	-	-	-	-	9	4,5
Curso em andamento	33	73,3	70	68,0	36	92,3	13	100,0	152	76,0
TOTAL	45	100,0	103	100,0	39	100,0	13	100,0	200	100,0

A tabela 3 mostra a situação escolar dos usuários. 19,5% completaram algum curso, 4,5% interromperam os estudos sem terminar o curso iniciado e 76,0% estão com algum curso em andamento.



TABELA 4

Usuários estudantes e não estudantes nas diversas categorias constantes da ficha de registro

CATEGORIAS ESCOLARIDADE	COMER- CIÁRIO		DEPEN- DENTE		FUNCION. SESC		OUTROS		TOTAL	
	f	f %	f	f %	f	f %	f	f %	f	f %
Com curso em andamento	30	50,0	24	85,7	5	71,4	93	88,6	152	76,0
Com curso interrompido ou completo	30	50,0	4	14,3	2	28,6	12	11,4	48	24,0
TOTAL	60	100,0	28	100,0	7	100,0	105	100,0	200	100,0

Pela tabela 4, vê-se que 50,0% dos comerciários, 85,7% dos dependentes, 71,4% dos funcionários e 88,6% da categoria "outros" estão em algum curso em andamento, ou seja, 76,0% do total de usuários são estudantes, confirmando o resultado da tabela 3.

TABELA 5

Usuários de acordo com a faixa etária

FAIXA ETÁRIA	f	f %
Até 15 anos	28	14,0
15 - 20	77	38,5
21 - 30	78	39,0
31 - 40	11	5,5
41 - 50	5	2,5
Mais de 50 anos	1	0,5
TOTAL	200	100,0

Consultando a tabela 5, verifica-se que 183 usuários, ou seja, 92,4% do total, estão na faixa etária de até 30 anos, distribuídos em 39,0% de 21 a 30 anos, 38,5%, de 15 a 20 anos e 28,0%, até 15 anos.

TABELA 6

Usuários de acordo com o sexo

SEXO	f	f %
Masculino	104	52,0
Feminino	96	48,0
TOTAL	200	100,0

A tabela 6 apresenta a distribuição dos usuários de acordo com o sexo. Nota-se uma pequena predominância do sexo masculino.

Como complemento para caracterização dos usuários, considerou-se de interesse verificar a frequência de comparecimento à biblioteca do SESC e/ou a outras bibliotecas, bem como o nível de familiaridade com o catálogo, isto é, se os usuários já tinham consultado anteriormente o catálogo e se tinham recebido instrução sobre o seu uso.

TABELA 7

Frequência de comparecimento à Biblioteca Central do SESC

FREQUÊNCIA DE COMPARECIMENTO	f	f %
Mais de uma vez por semana	37	18,5
Semanalmente	63	31,5
Mensalmente	47	23,5
Raramente	34	17,0
1a. vez	19	9,5
TOTAL	200	100,0

Observando a tabela 7, nota-se que 31,5% dos usuários frequentam a biblioteca semanalmente e 18,5%, mais de uma vez por semana, o que indica que 50,0% da clientela apresentam um alto nível de frequência à Biblioteca Central do SESC. Com relação à frequência a outras bibliotecas, verificou-se que 118 usuários (59,0%) declararam frequentar somente essa Biblioteca. Outras bibliotecas citadas foram: o Centro de Educação Permanente "Prof. Luiz de Bessa", a Biblioteca Central da UCMG e as bibliotecas de colégios e faculdades onde os usuários estudam.

TABELA 8

*Frequência de consulta ao catálogo*

CONSULTA AO CATÁLOGO	f	f %
Consultam sempre	73	36,5
Consultam às vezes	79	39,5
1a. vez	48	24,0
TOTAL	200	100,0

De acordo com a tabela 8, verifica-se que 76,0% dos usuários já tinham consultado anteriormente o catálogo e 24,0% o consultavam pela primeira vez, na ocasião da entrevista.

TABELA 9

*Responsável pela instrução no uso do catálogo*

QUEM DEU A INSTRUÇÃO	f	f %
Bibliotecário	75	79,8
Colega	15	15,9
Professor	1	1,1
Outro leitor	3	3,2
TOTAL	94	100,0

47,0% dos usuários declararam ter recebido instrução sobre o uso do catálogo, sendo que o bibliotecário foi o responsável por 79,8% dessa instrução, conforme se vê na tabela 9.

Determinação dos tipos de busca e relação com o nível de escolaridade dos usuários.

Na entrevista, perguntou-se ao usuário com que propósito ele iria consultar o catálogo naquele dia. As respostas obtidas foram grupadas em: a) buscas de item conhecido (um livro determinado do qual o usuário sabia o nome do autor e/ou o título); b) buscas de itens de um determinado assunto; c) buscas de obras de um determinado autor.

TABELA 10

Tipos de buscas efetivadas pelos usuários

TIPOS DE BUSCA	f	f %
Item conhecido	119	59,5
Itens de um assunto determinado	62	31,0
Obras de um autor determinado	19	9,5
TOTAL	200	100,0

A tabela 10 apresenta os resultados, onde se verifica que 59,5% dos usuários procuravam localizar um item conhecido; 31,0%, livros de um determinado assunto e 9,5% se interessavam pela reunião de obras de um autor.

TABELA 11

Tipos de buscas de acordo com o nível de escolaridade dos usuários

NÍVEL DE ESCOLARIDADE \ TIPOS DE BUSCA	1º GRAU		2º GRAU		UNIVERSITÁRIO		OUTROS		TOTAL
	f	f %	f	f %	f	f %	f	f %	
Item conhecido	29	64,5	60	58,2	22	56,4	8	61,5	119
Itens de assunto determinado	11	24,4	33	32,1	14	35,9	4	30,8	62
Obras de um autor	5	11,1	10	9,7	3	7,7	1	7,7	19
TOTAL	45	100,0	103	100,0	39	100,0	13	100,0	200

Relacionando esses resultados com o nível de escolaridade, foram obtidos os resultados expostos na tabela 11. É interessante verificar que, em todos os níveis de escolaridade de houve uma predominância das buscas de item conhecido, em bora, essa predominância fosse menor no nível universitário.

#### Determinação da finalidade das buscas.

Tentou-se determinar a finalidade das buscas, isto é, para que os usuários procuravam as entradas catalográficas. As finalidades declaradas foram: a) localizar o(s) item(s) nas estantes e b) saber outras informações sobre o(s) item(s) nas buscas de item conhecido e assunto.

Nas buscas de assunto, foi declarada outra finalidade: c) escolher um ou mais itens do assunto.

As buscas de obras de um autor tinham como finalidade: a) localizar o(s) item(s) nas estantes; b) saber outras informações sobre o autor ou sobre a sua obra; c) escolher um ou mais itens da obra completa do autor.

TABELA 12

Uso da informação encontrada de acordo com o tipo de busca

TIPOS DE BUSCA USO DA INFORMAÇÃO	ITEM CO- NHECIDO	ASSUNTO	OBRAS DE UM AUTOR	TOTAL
Localizar nas estantes	118	58	8	184
Saber outras informações	9	4	7	20
Escolher um ou mais itens	-	24	9	33
TOTAL	127	86	24	237

Obs.: as respostas não são mutuamente exclusivas.

A tabela 12 mostra as finalidades declaradas pelos usuários de acordo com os tipos de busca.

Dos 119 usuários que procuravam um item conhecido, 118 usariam a entrada encontrada para localizar o item nas estantes; 9 usuários declararam desejar, também, saber outras informações sobre o item procurado. Somente um usuário não desejava localizar o item nas estantes: procurava a entrada pelo título, para saber o nome do autor do livro.

Entre os 62 usuários que procuravam itens de um assunto determinado, houve 58 respostas indicando que usariam a entrada encontrada para localizar o(s) item(s) nas estantes! e 24 respostas indicando que usariam as entradas para escolher um ou mais itens do assunto procurado.

A finalidade de "localizar itens nas estantes" não predominou nas buscas de obras de um autor. Os usuários que faziam esse tipo de busca declararam que usariam a(s) entrada(s) encontrada(s) para escolher um ou mais livros (9 respostas), localizá-los nas estantes (8 respostas) e para saber outras informações sobre os livros ou o autor (7 respostas).

Dando continuidade à entrevista, perguntou-se aos usuários quais os elementos da entrada catalográfica lhes interessavam e para que. Com essa pergunta, se desejava saber se os elementos da entrada catalográfica ajudavam de alguma forma os usuários na sua busca de informações.

TABELA 13

Elementos da entrada catalográfica que interessam aos usuários

TIPOS DE BUSCAS ELEMENTOS DA ENTRADA	ITEM CO- NHECIDO	ASSUNTO	OBRAS DE UM AUTOR	TOTAL
Número de chamada	110	58	13	181
Autor	4	3	-	7
Título	5	1	8	14
Edição	3	-	2	5
Local	-	1	5	6
Editores	-	1	5	6
Data	2	4	7	13
Paginação	2	-	2	4
Ilustração	3	-	1	4
TOTAL	129	68	43	240

Obs.: as respostas não são mutuamente exclusivas.

A tabela 13 apresenta os resultados. É interessante notar, nas buscas de item conhecido, que não houve uma correspondência exata entre o número dos que desejavam localizar o item nas estantes e o número dos que declararam se interessar pelo número de chamada (118 e 110). Destacam-se 5 menções para o título e 4 menções para o autor que, após o



exame das entrevistas correspondentes, revelaram tratar-se de casos em que o usuário só tinha informação sobre autor ou título, respectivamente. A razão do interesse pelos outros elementos não foi identificada a não ser no seguinte caso: uma menção para edição (entrevista 190) porque o usuário só se interessava por uma determinada edição de uma obra. Nas buscas de assunto, o número de chamada foi indicado 58 vezes, correspondendo ao número dos que declararam desejar localizar os itens nas estantes. Foram feitas poucas indicações a outros elementos. Nas buscas de obras de um autor, foram registradas 43 respostas, evidenciando que essa categoria é a que mais se interessa pelos outros elementos da entrada, além do número de chamada.

Aos usuários que responderam que usariam a(s) entrada(s) encontrada(s) para escolher um ou mais itens entre os representados no catálogo (itens de um assunto determinado ou obras de um autor) foi solicitado que indicassem os elementos da entrada que ajudariam na escolha.

TABELA 14

Elementos da entrada catalográfica que ajudariam na escolha de um ou mais itens

TIPOS DE BUSCA ELEMENTOS DA ENTRADA	ASSUNTO	OBRAS DE UM AUTOR	TOTAL
Autor	18	-	18
Título	7	9	16
Editores	1	-	1
Data	8	-	8
Ilustração	4	-	4
TOTAL	38	9	47

Obs.: as respostas não são mutuamente exclusivas.

O título foi o elemento indicado nas buscas de obras de um autor, enquanto que nas buscas de assunto os elementos mais citados foram o autor, a data e o título, conforme se pode ver na tabela 14.

Determinação do sucesso nas buscas de item conhecido.

Examinou-se, com maior profundidade, a categoria de buscas de item conhecido, pois além de ser a mais numerosa, se enquadrava dentro da proposição de estudar o catálogo de autor/título.

Uma busca foi considerada bem sucedida quando o usuário encontrou uma entrada representando o item procurado. Posteriormente, fez-se a distinção entre buscas sem sucesso devida à falta de representação do item procurado no catálogo ou devidas a alguma falha na relação usuário/catálogo.

TABELA 15

Buscas de item conhecido, com e sem sucesso

BUSCAS DE ITEM CONHECIDO	f	f%
Com sucesso	67	56,3
Sem sucesso	52	43,7
TOTAL	119	100,0

Verifica-se pela tabela 15 que 67 (56,3%) das buscas de item conhecido foram com sucesso. Do total de buscas sem sucesso (52), foram identificadas 17 buscas de livros não representados no catálogo, reduzindo para 35 o número de buscas sem sucesso devidas a falha na relação usuário/catálogo.

Determinação da influência de diversas variáveis no sucesso ou insucesso nas buscas de item conhecido.

Considerou-se como variáveis influenciando o sucesso nas buscas:

1. a correção e a integralidade da informação trazida pelo usuário sobre autor e/ou título;
2. a familiaridade do usuário com a biblioteca e o catálogo, incluindo nível de frequência à biblioteca do SESC e à outras bibliotecas, consulta anterior ao catálogo e instrução recebida sobre seu funcionamento;
3. o índice de perseverança nas buscas.

Correção e integralidade da informação sobre autor/título.

Para determinar o grau de correção e integralidade da informação trazida pelo usuário sobre autor e/ou título, usou-se, conforme já explicado na metodologia, uma categorização para nomes de autor que vai de a (nome correto e completo) até e (desconhecimento do nome do autor). Para o título, foi usada uma categorização que vai de A (título correto e completo) a F (desconhecimento do título).

TABELA 16

Correção e integralidade da informação sobre autor

INFORMAÇÃO SOBRE AUTOR	f	f %
a - nome correto e completo	36	35,7
b - 1º elemento correto, outros elementos incorretos ou faltosos	16	15,8
c - nome completo, 1º elemento tem erro ortográfico	9	8,9
d - erro na escolha do elemento de entrada	13	12,9
e - desconhecimento do nome do autor	27	26,7
TOTAL	101	100,0

Obs.: Foram excluídas 17 buscas referentes a itens que não estavam representados no catálogo e uma busca correspondente a um item não identificado.

TABELA 17

Correção e integralidade da informação sobre título

INFORMAÇÃO SOBRE TÍTULO	f	f %
A - título correto e completo	76	75,5
B - 1a. palavra correta, outras palavras incorretas ou faltosas	5	4,9
C - 1a. palavra incorreta	7	6,9
D - ordem das palavras errada	4	3,9
E - todas as palavras incorretas	5	4,9
F - desconhecimento do título	4	3,9
TOTAL	101	100,0

As tabelas 16 e 17 apresentam a distribuição da informação sobre autor e título, respectivamente.

O nível de correção e integralidade da informação sobre o autor foi bem menor do que o nível da informação sobre o título, pois, houve 36 buscas com informação completa e correta sobre autor (35,6%) e 76 buscas com informação completa e correta sobre o título (75,2%). É interessante notar, também, que em 26 buscas o usuário não sabia o nome do autor e em uma busca ele sabia o nome errado, enquanto que somente 4 usuários não tinham conhecimento do título.

Julgou-se interessante verificar se o fato do usuário trazer a informação por escrito<sup>5</sup> ou memorizada influenciaria a sua correção e integralidade.

TABELA 18

Informação (escrita ou memorizada) trazida pelo usuário sobre autor e título

INFORMAÇÃO	AUTOR	f %	TÍTULO	f %	TOTAL	f %
Por escrito	41	34,5	52	43,7	93	39,1
Memorizada	44	37,0	62	52,1	106	44,5
Não trouxe informação	34	28,5	5	4,2	39	16,4
TOTAL	119	100,0	119	100,0	238	100,0

Pela tabela 18 verifica-se que 52,1% dos usuários tinham a informação sobre o título memorizada, enquanto que 37,0% memorizaram a informação sobre o autor. Os resultados mostram, então, que o título é um elemento de mais fácil memorização do que o autor. Nota-se, também, a diferença entre as porcentagens dos usuários que não trouxeram informação sobre o autor (28,6%) e sobre o título (16,4%).

TABELA 19

Informação (escrita ou memorizada) trazida pelo usuário sobre o autor, de acordo com as categorias de correção e integralidade

INFORMAÇÃO CATEGORIAS	POR ESCRITO		MEMORIZADA		NÃO SABIA		TOTAL
	f	f %	f	f %	f	f %	
a	16	44,4	20	51,3	-	-	36
b	8	22,2	8	20,5	-	-	16
c	4	11,1	5	12,8	-	-	9
d	7	19,5	6	15,4	-	-	13
e	1	2,8	-	-	26	100,0	27
TOTAL	36	100,0	39	100,0	26	100,0	101

TABELA 20

Informação (escrita ou memorizada) trazida pelo usuário sobre o título, de acordo com as categorias de correção e integridade

INFORMAÇÃO CATEGORIAS	POR ESCRITO		MEMORIZADA		NÃO SABIA		TOTAL
	f	f%	f	f%	f	f%	
A	36	82,0	40	75,5	-	-	76
B	2	4,5	3	5,7	-	-	5
C	2	4,5	5	9,4	-	-	7
D	2	4,5	1	1,9	-	-	3
E	2	4,5	4	7,5	-	-	6
F	-	-	-	-	4	100,0	4
TOTAL	44	100,0	53	100,0	4	100,0	101

No cruzamento da tabela 18, com as tabelas 16 e 17, foram excluídas 17 buscas referentes a itens que não existiam no catálogo da biblioteca e 1 busca correspondente a um item não identificado.

Pelos resultados desse cruzamento, constantes das tabelas 19 e 20, vê-se que, com relação aos nomes de autor, não houve influência da maneira de se trazer a informação, pois, 51,3% dos usuários que tinham a informação memorizada apresentaram nome correto e completo, enquanto que, somente 44,5% da informação trazida por escrito se colocava nessa categoria. Com relação ao título, há uma pequena diferença a favor da informação por escrito (82,0% e 75,5%), mas não é uma diferença significativa.

TABELA 21

Fontes indicadoras das informações sobre autor/título trazidas pelos usuários

FONTE INDICADORA	f	f %
Professor	71	59,7
Colega	21	17,7
Comentários em jornais, revistas	12	10,0
Comentários em outro livro do mesmo autor	4	3,4
Parente	4	3,4
Novela de televisão	3	2,5
Anúncio no painel "Livros novos"	3	2,5
Filme de cinema	1	0,8
TOTAL	119	100,0

A tabela 21 revela a fonte indicadora das informações trazidas pelos usuários sobre autor e/ou título, onde se verifica que 71 usuários (59,7%) procuravam um livro indicado pelo professor. A informação fornecida por um colega, em muitos casos, era somente uma transmissão de uma referência dada pelo professor.

Para verificar a influência da variável - correção e integralidade da informação trazida pelo usuário sobre autor e/ou título - sobre o resultado das buscas, fez-se o cruzamento das tabelas 16 e 17 com a tabela 15. Conforme foi estabelecido na metodologia, foi feita uma reclassificação das categorias em quatro grupos: Grupo I (precisão alta); Grupo II (precisão regular); Grupo III (precisão baixa) e Grupo IV (precisão nula). As tabelas 22 e 23 mostram a relação entre a precisão da informação sobre autor e título e o resultado

das buscas de item conhecido.

TABELA 22

Comparação entre grau de precisão da informação sobre autor e os resultados das buscas de item conhecido

GRAU DE PRECISÃO INFORMAÇÃO AUTOR	GRUPO I precisão alta (a)		GRUPO II precisão regular (b-c)		GRUPO III precisão baixa (d)		GRUPO IV precisão nula (e)		TOTAL i
	f	f %	f	f %	f	f %	f	f %	
Buscas c/sucesso	29	80,6	12	48,0	7	53,8	18	66,7	66
Buscas s/sucesso	7	19,4	13	52,0	6	46,2	9	33,3	35
TOTAL	36	100,0	25	100,0	13	100,0	27	100,0	101

TABELA 23

Comparação entre grau de precisão da informação sobre título e os resultados das buscas de item conhecido

GRAU DE PRECISÃO INFORMAÇÃO TÍTULO	GRUPO I precisão alta (A)		GRUPO II precisão regular (B)		GRUPO III precisão baixa (C-D)		GRUPO IV precisão nula (E-F)		TOTAL j
	f	f %	f	f %	f	f %	f	f %	
Buscas c/sucesso	58	76,3	3	60,0	3	30,0	2	20,0	66
Buscas s/sucesso	18	23,7	2	40,0	7	70,0	8	80,0	35
TOTAL	76	100,0	5	100,0	10	100,0	10	100,0	101



Com referência ao nome do autor, nota-se que, no Grupo I, a porcentagem de buscas com sucesso foi muito alta (80,6%). Não há, porém, uma correspondência entre o decréscimo da precisão da informação e o resultado das buscas, pois, no Grupo II, a porcentagem de buscas com sucesso caiu para 48,0%, elevando-se, novamente, nos grupos III e IV para 53,8% e 66,7%, respectivamente.

A correspondência acima mencionada, aparece, nitidamente, com referência à informação sobre o título, onde se nota um decréscimo de buscas com sucesso na razão direta da diminuição da precisão.

#### Familiaridade do usuário com a biblioteca e o catálogo.

Considerou-se como outra variável, influenciando o sucesso nas buscas, a familiaridade do usuário com a biblioteca e o catálogo. Para estudar esta variável, relacionou-se o resultado das buscas de item conhecido com:

1. a frequência de comparecimento à Biblioteca Central do SESC;
2. a consulta anterior ao catálogo;
3. a instrução recebida sobre o uso do catálogo.

Com relação ao item 1, considerou-se, para efeito de comparação: nível alto (mais de uma vez por semana e semanalmente); nível regular (mensalmente); nível baixo (raramente e a 1a. vez).

TABELA 24

Comparação entre frequência de comparecimento à Biblioteca Central do SESC e os resultados das buscas de item conhecido

RESULTADO DAS BUSCAS	NÍVEL ALTO		NÍVEL REGULAR		NÍVEL BAIXO		TOTAL
	f	f %	f	f %	f	f %	
Buscas com sucesso	35	72,9	17	63,0	15	55,6	67
Buscas sem sucesso	13	27,1	10	37,0	12	44,4	35
TOTAL	48	100,0	27	100,0	27	100,0	102

Obs.: Foram excluídas 17 buscas correspondentes a itens não representados nos catálogos.

A tabela 24 mostra os resultados da comparação entre os resultados das buscas e a frequência de comparecimento à Biblioteca Central do SESC. Os usuários que tinham um alto nível de comparecimento, obtiveram uma porcentagem de 72,9% de sucesso nas buscas de item conhecido. Verifica-se, porém, que, mesmo nos outros níveis, a porcentagem de sucesso é maior, se bem que a diferença entre as porcentagens de buscas com e sem sucesso diminua na razão direta do decréscimo da frequência de comparecimento à Biblioteca.

As mesmas considerações que foram feitas com referência aos resultados da tabela 24, podem ser aplicadas aos resultados constantes da tabela 25, que apresenta a comparação entre frequência de uso do catálogo e resultado das buscas. Os usuários que admitiram consultar "sempre" que iam à biblioteca tiveram 73,5% de sucesso nas buscas, nas outras categorias registrou-se, também, uma porcentagem maior de sucesso.

Se se somar os resultados das respostas "sempre" e "às vezes", considerando que a situação de uma pessoa que já consultou anteriormente o catálogo difere da situação de ou-

tra que o consulta pela primeira vez, chegaremos a resultados que não são significativamente diferentes, como se pode ver pela tabela 26.

TABELA 25

Comparação entre frequência de uso do catálogo e os resultados das buscas de item conhecido

FREQUÊNCIA DE CONSULTA AO CATÁLOGO RESULTADO DAS BUSCAS	SEMPRE		ÀS VEZES		1a. VEZ		TOTAL
	f	f %	f	f %	f	f %	
Buscas c/sucesso	25	73,5	27	62,8	15	60,0	67
Buscas s/sucesso	9	26,5	16	37,2	10	40,0	35
TOTAL	34	100,0	43	100,0	25	100,0	102

TABELA 26

Comparação entre consulta anterior ao catálogo e os resultados das buscas de item conhecido

CONSULTA AO CATÁLOGO RESULTADO DAS BUSCAS	CONSULTA ANTERIOR		CONSULTA PELA 1a. VEZ		TOTAL
	f	f %	f	f %	
Buscas c/sucesso	52	67,5	15	60,0	67
Buscas s/sucesso	25	32,5	10	40,0	35
TOTAL	77	100,0	25	100,0	102

TABELA 27

Comparação entre a instrução sobre o uso do catálogo e o resultado das buscas de item conhecido

INSTRUÇÃO SOBRE O USO DO CATÁLOGO \ RESULTADO DAS BUSCAS	RECEBERAM INSTRUÇÃO		NÃO RECEBERAM INSTRUÇÃO		TOTAL
	f	f %	f	f %	
Buscas com sucesso	33	68,7	34	63,0	67
Buscas sem sucesso	15	31,3	20	37,0	35
TOTAL	48	100,0	54	100,0	102

A tabela 27 apresenta a relação entre sucesso ou insucesso nas buscas e a instrução recebida sobre o uso do catálogo. Não há diferença significativa entre os resultados, pois, se 68,7% dos que receberam instrução foram bem sucedidos nas buscas, 63,0% dos que não receberam também o foram. Deve-se considerar, porém, que a instrução recebida não foi sistemática, mas uma instrução "ad hoc" para resolver problemas imediatos.

#### Índice de perseverança nas buscas de item conhecido.

A intenção inicial, com relação à avaliação do índice de perseverança nas buscas, era de se observar o usuário no ato de consultar o catálogo, para determinar o número de tentativas que ele faria para encontrar a entrada desejada. Devido, porém, a limitações de ordem prática, não foi possível levar a efeito o planejado. O que se fez, na realidade, foi verificar se os 80 usuários que tinham informação sobre autor e título, usavam um segundo ponto de acesso para encontrar o que desejavam, quando o primeiro falhava.

Na primeira tentativa, 36 usuários encontraram a entrada desejada. Dos 44 restantes, somente 20 tentaram outra

vez, o que indica que mais da metade dos usuários abandonou a busca na primeira tentativa, apesar de possuir informação sobre outro ponto de acesso.

Determinação da preferência do usuário por pontos de acesso.

Considerando-se a distinção feita por TAGLIACOZZO et al. (52) entre "acesso" e "identificação" nas buscas de item conhecido, julgou-se interessante verificar o ponto de acesso escolhido preferencialmente pelos usuários.

TABELA 28

Escolha de pontos de acesso ao catálogo

PONTOS DE ACESSO	1º PONTO		2º PONTO	
	f	f %	f	f %
Autor	49	41,2	4	20,0
Título	70	58,8	15	75,0
Assunto	-	-	1	5,0
TOTAL	119	100,0	20	100,0

Obs.: um usuário, apesar de ter conhecimento da existência do item desejado, não sabia, exatamente, o seu título ou autor; por isso, recorreu ao catálogo de assunto, de pois de não conseguir encontrá-lo pelo título.

O título foi escolhido como primeiro ponto de acesso por 70 usuários (58,8%), conforme especificado na tabela 28.

Tendo em vista, porém, que 34 usuários desconheciam o nome do autor e somente 5, desconheciam o título, resolveu-se saber qual seria o ponto de acesso escolhido quando o usuário tinha informação sobre autor e título.

TABELA 29

Escolha do primeiro ponto de acesso, quando o usuário tinha informação sobre autor e título

PONTOS DE ACESSO	f	f %
Autor	43	53,6
Título	37	46,4
TOTAL	80	100,0

Dentre os 80 usuários que possuíam informação sobre autor e título, houve uma pequena preferência pelo autor como primeiro ponto de acesso (53,6%, autor e 46,4%, título) como se pode ver na tabela 29. Parece, portanto, que a preferência pelo título, verificada na tabela 28, se deve ao fato de que os usuários tinham mais informação sobre o título do que sobre o autor.

Verificou-se, também, o resultado das buscas de acordo com o primeiro ponto de acesso e, conforme se vê na tabela 30, nas buscas onde o autor foi escolhido como primeiro ponto de acesso, a porcentagem de sucesso foi de 34,8%, e quando o título foi escolhido, a porcentagem de sucesso foi de 56,7%. A diferença se explica quando se volta às tabelas 16 e 17 e se verifica a diferença entre as porcentagens de correção e integridade da informação trazida pelo usuário sobre autor e título, respectivamente.

TABELA 30

Comparação entre escolha de primeiro ponto de acesso e resultado das buscas de item conhecido

PONTOS DE ACESSO RESULTADO DAS BUSCAS	AUTOR		TÍTULO		TOTAL
	f	f %	f	f %	
BUSCAS COM SUCESSO	15	34,8	21	56,7	36
BUSCAS SEM SUCESSO	28	65,2	16	43,3	44
TOTAL	43	100,0	37	100,0	80

Interpretação do número de chamada.

Tendo em vista o grande número de citações do número de chamada como item de interesse para os usuários (110, nas buscas de item conhecido, 58, nas buscas de assunto e 13, nas buscas de obras de um autor), resolveu-se verificar se os usuários compreendiam a função do número de chamada, como indicador da posição do livro na estante. Para tal, anotou-se a informação copiada do catálogo pelos usuários, nos 63 casos de buscas com sucesso. Os resultados foram os seguintes: 37 usuários copiaram o número de chamada completo; 16, copiaram somente o número de classificação; 1, copiou a notação de autor e 9 usuários não copiaram nada. Perguntou-se, também, a esses usuários se saberiam localizar os livros nas estantes usando o número de chamada: 31, responderam afirmativamente. Registrou-se, em especial, as respostas dos nove usuários que não copiaram nada do catálogo: 8, não o fizeram porque não conheciam a função do número de chamada e 1, porque já sabia a localização da literatura brasileira nas estantes e consultara o catálogo para saber se existia, na biblioteca, um determinado livro de Jorge Amado. Ficou explica

da, então, a discrepância notada nas tabelas 11 e 12, isto é, entre o número dos usuários que desejavam localizar um item conhecido nas estantes e o número de usuários que indicaram se interessar pelo número de chamada.

### Análise e interpretação.

Ao interpretar os resultados, à luz da revisão da literatura, e comparando-os às suposições levantadas, chegou-se às seguintes considerações:

1. a clientela da Biblioteca Central do SESC, representada pelos 200 usuários entrevistados, é composta, na sua maioria, de estudantes do nível de 2º grau, na faixa etária de 15 a 30 anos, com uma pequena predominância do sexo masculino.

Quanto à familiaridade dos usuários com a biblioteca e o catálogo, verifica-se que há um grau bastante elevado de comparecimento à biblioteca, independente do prazo de empréstimo que é de 15 dias. Presume-se que muitos dos usuários, que responderam frequentar a biblioteca semanalmente ou mais de uma vez por semana, são comerciários ou funcionários que trabalham no centro da cidade e aproveitam os intervalos de almoço ou o horário de saída do serviço para ir à biblioteca buscando material para estudo ou recreação.

Cento e dois usuários responderam que já tinham consultado anteriormente o catálogo, sendo que 73 declararam consultá-lo sempre que necessitavam localizar algum material na biblioteca; os restantes, declararam que algumas vezes não necessitavam consultar o catálogo, pois já sabiam a localização do assunto nas estantes. É interessante notar que 48 usuários consultavam pela primeira vez o catálogo, por ocasião da entrevista, entretanto, somente 19 declararam ser aquela a primeira vez que compareciam à biblioteca.

Para esse estudo, entrevistou-se somente os usuários que se dirigiam ao catálogo. Se se examinar, porém, a tabela I, verifica-se que um grande número de usuários dirige-se, em



primeiro lugar, às mesas de estudo e às estantes. Durante a realização das entrevistas, notou-se que muitos usuários vão à biblioteca para estudar, levando seu próprio material de estudo ou para ler jornais e revistas. Uma investigação sobre esses usuários poderia, talvez, acrescentar novas facetas à caracterização da clientela da Biblioteca Central do SESC.

2. Evidenciou-se o uso do catálogo para informar a existência e a localização de documentos na biblioteca, confirmando o resultado constante em quase todos os estudos examinados na revisão da literatura. Não se confirmou, porém, o aumento da frequência de buscas de item conhecido na razão direta do crescimento do nível de escolaridade dos usuários. Pelo contrário, entre os usuários do nível universitário, a porcentagem desse tipo de busca foi inferior a dos outros níveis de escolaridade.

Estes resultados estão de acordo com a suposição que se fez anteriormente sobre a principal função do catálogo: a de localizar documentos ou, nas palavras de CHERVENTE (12), "de ser quase o único instrumento para localizar determinado livro em determinada biblioteca".

3. As buscas de assunto, que atingiram uma porcentagem representativa (31,0%), tinham como objetivo principal verificar que livros de um assunto determinado existiam na biblioteca e onde estavam localizados nas estantes. 58 usuários desejavam saber a localização dos livros nas estantes e o uso do catálogo como instrumento bibliográfico (para dar outras informações sobre o livro ou para ajudar na escolha de um ou mais itens) foi em proporção bastante menor.

4. Nas buscas de obras de um autor, evidenciou-se uma maior proporção do uso do catálogo como instrumento bibliográfico, pois, houve procura de entradas para levantamentos bibliográficos, escolha de um ou mais itens entre a obra do autor, etc. A porcentagem desse tipo de busca (9,5%), porém, não foi suficiente para invalidar os resultados anteriores.

5. Os elementos da entrada catalográfica mais citados

pelos usuários como de interesse, quer para dar informações' sobre os itens, quer para ajudar na escolha de um ou mais itens, foram: número de chamada, autor, título e data de publicação.

Estes resultados estão de acordo com os estudos de AKERS (1), PALMER (42), LIPETZ (33) e do BUCCS (6) e parecem indicar que uma catalogação simplificada atenderia à maioria dos usuários da Biblioteca Central do SESC.

6. A porcentagem de buscas de item conhecido com sucesso foi bastante significativa (56,3%). Entre as 52 buscas sem sucesso, foram identificadas 17 buscas de itens não apresentados no catálogo. Considerando-se, portanto, 102 como total das buscas de itens representados no catálogo, esta porcentagem se eleva para 65,7%. Os estudos examinados que apresentaram maior porcentagem de sucesso foram os de LIPETZ (33) e TAGLIACOZZO (52), mas nos outros estudos registrou-se, também, uma predominância de buscas com sucesso. KRIKELAS (31) e os responsáveis pelo BUCCS (6) especularam sobre a conveniência de se efetuarem mudanças no catálogo, tentando diminuir a porcentagem de buscas sem sucesso, tendo em vista os custos que tais mudanças acarretariam.

7. Optou-se, neste trabalho, pelo estudo do conjunto de variáveis classificadas por TAGLIACOZZO et al. (52) como variáveis relacionadas com o usuário. Estudou-se, também, em extensão limitada, a perseverança do usuário nas buscas de item conhecido, variável integrante do conjunto relacionado com a interação usuário/catálogo.

Na análise da influência da primeira variável (grau de correção e integralidade da informação sobre autor/título), notou-se que a porcentagem de sucesso diminui na razão direta do decréscimo da precisão da informação, com relação ao título, o mesmo não acontecendo com relação ao nome do autor.

Como o título foi escolhido como ponto de acesso por 70 usuários (1º ponto) e 15 usuários (2º ponto), pode-se supor de que o nível de precisão (correção e integralidade) da

informação trazida pelo usuário sobre o título influencia o resultado das buscas de item conhecido.

É interessante notar que TAGLIACOZZO et al. (52), no seu estudo bastante minucioso, encontraram uma diminuição do sucesso nas buscas em razão direta ao decréscimo do nível de precisão da informação sobre autor e não sobre o título, isto é, o inverso do que apareceu neste estudo. Se se atentar para a escolha do primeiro ponto de acesso naquele estudo (65,0% - autor), explica-se a razão da divergência dos resultados.

8. Não se pode afirmar, com segurança, que a familiaridade do usuário com a biblioteca e com o catálogo possa ser considerada como fator de influência nos resultados das buscas, como já foi declarado na apresentação dos resultados. Em diversos estudos analisados na revisão da literatura, constatou-se a falta de uma avaliação sistemática dessa influência. A mesma constatação pode ser feita com relação à influência da instrução sobre o uso do catálogo. Acredita-se que, somente através de um experimento, onde se usasse grupos de controle para buscas idênticas, poder-se-ia fazer tal estudo.

9. A análise, em separado, de cada uma das variáveis acima consideradas, não representa, com exatidão, sua influência sobre o sucesso ou insucesso nas buscas. Resolveu-se, então, verificar o desempenho dos usuários considerados em situação ideal para a busca, isto é:

- a) com informação correta e completa sobre autor ou título;
- b) com alto grau de frequência à Biblioteca do SESC;
- c) que já consultara anteriormente o catálogo;
- d) que procurava um item existente no catálogo.

33 usuários se enquadravam na situação ideal configurada e 27 deles obtiveram sucesso nas buscas. Dos 67 usuários que obtiveram sucesso nas buscas de item conhecido, 95,5% trouxeram informação correta e completa sobre autor ou título, 50,7% apresentaram um alto nível de frequência à biblio-

teca e 77,6% já tinham consultado anteriormente o catálogo.' Estas porcentagens, acima de 50,0%, parecem indicar a influência das variáveis correspondentes no sucesso das buscas de item conhecido.

10. O Índice de perseverança nas buscas de item conhecido foi bastante baixo, pois, mais de 50,0% dos usuários abandonaram a busca na primeira tentativa. As razões dessa desistência rápida merecem uma análise mais detalhada, porém, poder-se-ia atribuí-la a duas causas: a falta de confiança ou conhecimento do usuário com relação aos recursos do catálogo, ou a adoção, por parte do usuário, da lei do menor esforço, ou seja, ao fato de que é mais fácil para ele recorrer ao bibliotecário para encontrar o item desejado.

11. Nos 80 casos em que o usuário tinha informação sobre autor e título, registrou-se uma pequena preferência pelo autor como primeiro ponto de acesso (53,6%). Nos estudos de TAGLIACOZZO (52), LIPETZ (33) e MALTBY (39), a preferência foi bem mais marcante.

Nota-se, porém, que a informação sobre o título apresentou-se correta e completa numa porcentagem muito superior ao nível de precisão na informação sobre o autor (75,5% e 35,7%, respectivamente). Esse fato foi registrado, também, em diversos estudos, especialmente no de PALMER (42).

Merece atenção especial o fato de que 34 usuários desconheciam completamente o nome do autor, enquanto que somente 5, desconheciam o título, ocasionando um aumento na porcentagem da escolha do título como primeiro ponto de acesso.

Conclui-se, portanto, que para os usuários da Biblioteca Central do SESC, o título é o elemento mais identificador do documento desejado, mas nota-se, como LANCASTER (32), que "apesar de todas essas considerações, os usuários preferem o nome do autor como primeiro ponto de acesso".

As razões dessa preferência poderiam ser atribuídas ao prestígio da autoria de que fala MALINCONICO (38).-

## CAPÍTULO VI

### C O N C L U S ã O

#### Conclusões.

A análise dos resultados da pesquisa realizada na Biblioteca Central do SESC e da revisão da literatura, leva à conclusão que o catálogo continua sendo o melhor instrumento para determinar a existência e a localização de um item específico em uma biblioteca.

Podem-se, a partir desta conclusão e de posse dos dados apurados, levantar as seguintes hipóteses, com relação às funções do catálogo em bibliotecas públicas brasileiras:

1. a finalidade principal da consulta ao catálogo, nas bibliotecas públicas brasileiras, é para localizar, na biblioteca, um item do qual se conhece o autor e/ou o título, ou seja, a função principal do catálogo, nessas bibliotecas, é a de instrumento de localização de documentos;
2. como a função principal do catálogo é de instrumento de localização de documentos, os elementos mais importantes da entrada catalográfica, são: número de chamada, autor, título, data e cabeçalhos de assunto;
3. como a maioria dos usuários procura o catálogo para localizar um documento do qual se conhece autor e/ou título, estes elementos devem aparecer na entrada principal como aparecem na folha de rosto dos documentos (entrada direta).

Pelo estudo das variáveis referentes ao usuário, apurou-se que a correção e integralidade da informação trazida pelo usuário sobre autor e título, é a variável que apresenta maior grau de influência no resultado das buscas.

Na observação do ato de busca, notou-se uma insegurança do usuário ao consultar o catálogo, proveniente do desco-

nhecimento de sua estrutura e das regras de alfabetação das entradas, causando muitas buscas sem sucesso.

Recomenda-se, portanto, que se estabeleçam programas' de instrução sistemática do uso do catálogo, bem como o planejamento de um sistema de guias e indicações que permitam ao usuário um desempenho mais desenvolvido nas suas buscas de informação.

Apesar de não se relacionar especificamente ao assunto desta dissertação, julga-se de interesse comentar sobre o desenvolvimento das funções da Biblioteca do SESC, destinada a atender a uma clientela especial (comerciários e seus dependentes), para se transformar em uma biblioteca pública. E, como acontece na maioria das bibliotecas públicas brasileiras, a Biblioteca do SESC apresenta nítidas tendências a biblioteca escolar, como se nota na caracterização de sua clientela e se confirma, observando a tabela 21, onde se vê que o professor é responsável por 57,9% das referências aos itens procurados.

### Sugestões para futuras pesquisas.

A revisão da literatura despertou o interesse por diversos problemas sobre uso e funções do catálogo.

Com base na teoria estabelecida pelos especialistas,' como Lubetzky, Verona e Domanovszky, poder-se-ia sugerir vários temas, principalmente com relação ao estudo do catálogo como instrumento de recuperação da informação, isto é, a sua estrutura e seus recursos sindéticos. A interação usuário/catálogo merece, também, ser mais estudada no sentido de se verificar as reações do usuário no caso de insucesso nas buscas e os recursos que ele usa para novas tentativas.

Na própria Biblioteca do SESC, tendo em vista que a porcentagem de buscas de assunto foi bastante significativa, seria interessante que se procedesse a um estudo detalhado,' nos moldes do que foi feito para as buscas de item conhecido, dos problemas do catálogo de assunto.

Apesar de não constar entre os objetivos desta dissertação o estudo do volume de uso do catálogo, pode-se ver pela Tabela 1 e pelo Gráfico 1, que dos 975 usuários que foram à Biblioteca, no período de 03 a 07 de março de 1980, somente 130 (13,3%) se dirigiram em primeiro lugar ao catálogo. Mesmo considerando que grande parte dos usuários vai à biblioteca para ler jornais e revistas ou para estudar com seu próprio material, é uma porcentagem pequena e seria interessante verificar os motivos desse comportamento.

Considera-se de grande importância que se façam estudos em diversos tipos de bibliotecas: públicas, escolares, universitárias e especializadas, sobre:

- a) funções do catálogo, verificando os tipos de busca predominantes;
- b) verificação dos resultados das buscas e identificação dos problemas que causam os insucessos;
- c) avaliação do catálogo como instrumento de recuperação da informação.

O conjunto desses estudos propiciaria a formação de um corpo de conhecimentos que permitisse a elaboração de um código brasileiro de catalogação ou, pelo menos, uma adaptação das regras de catalogação vigentes mais de acordo com as necessidades dos nossos usuários. Por exemplo, o CCAA 2 adotou as ISBD. Seria conveniente a sua adoção nas nossas bibliotecas? Ou, conforme pergunta POBLACIÓN (44), "justifica-se incorporar aos nossos catálogos individuais novos padrões que foram previstos para o controle bibliográfico universal? quais as vantagens para os bibliotecários brasileiros que não trabalham com automação de serviços técnicos?"

Nas bibliotecas onde se estudam programas de automação, mais necessário se faz um estudo das diversas variáveis influenciando o uso do catálogo e dos elementos da entrada catalográfica, para que não se transfira para os formatos computarizados as possíveis deficiências da prática vigente.

A análise dos resultados dessas pesquisas fornecerá subsídios para uma eventual reformulação dos programas de catalogação das escolas de biblioteconomia, com relação à construção e à manutenção do catálogo, levando em consideração as funções que ele deve desempenhar.-



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. AKERS, S. G. To what extent do the students of the Liberal Arts College use the bibliographic items given on the catalogue cards? Library Quarterly, Chicago, 1(2): 394-408, oct. 1931.
2. AMERICAN LIBRARY ASSOCIATION. Catalog use study. Chicago, 1958.
3. Division of Cataloging and Classification. ALA Cataloging rules for author and titles entries. 2. ed. Chicago, 1949.
4. ANGLO American cataloguing rules. 2.ed. Chicago, ALA, 1978.
5. AYRES, F. H. et alii. Author versus title: a comparative survey on the accuracy of the information which the user brings to the catalog. Journal of Documentation, London, 24(2):266-72, Dec. 1968.
6. BATH University comparative catalogue study (BUCCS). Final report. Bath, University Library, 1975.
7. BERRISFORD, P. D. Year's work in cataloging and classification, 1976. Library Resources and Technical Services, Chicago, 21(3):249-73, Sum. 1977.
8. \_\_\_\_\_, 1977. Library Resources and Technical Services, Chicago, 22(3):227-51, Sum. 1978.
9. BIBLIOTECA VATICANA. Norme per il catalogo degli stampati. Città de Vaticano, Biblioteca Apostolica Vaticana, 1931.
10. CHAN, L.M. Year's work in cataloging and classification, 1974. Library Resources and Technical Services, Chicago, 14(3):242-59, Sum. 1975.
11. \_\_\_\_\_, 1975. Library Resources and Technical Services, Chicago, 20(3):213-35, Sum. 1976.
12. CHERVINIE, D. Library catalogues in American academic libraries. Drexel Library Quarterly, Philadelphia, 7(1):56-71, 1971.
13. CÓDIGO de catalogação anglo-americano. Trad. de Abner Lellis Corrêa Vicentini. Brasília, Edição dos Tradutores, 1969.
14. CONFERENCIA INTERNACIONAL SOBRE PRINCIPIOS DE CATALOGAÇÃO. Paris, 1961. Report. Ed. by A.H. Chaplin and Dorothy Anderson. London, C. Bingley, 1963.

15. CONFERENCIA INTERNACIONAL SOBRE PRINCIPIOS DE CATALOGAÇÃO. Paris, 1961. Statement of principles; adopted at the International Conference on Cataloguing Principles. Annotated edition. London, IFLA, 1971.
16. CUNHA, M.L.M. da. ISBD: origem, evolução e aceitação. Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação. São Paulo, 12(1/2):7-14, jan/jun., 1979.
17. CUTTER, C.A. Rules for a dictionary catalog. 4.ed. Washington, U.S. Government Printing Office, 1904.
18. DOMANOVSKY, A. Functions and objects of author-title cataloguing; a contribution to cataloguing theory. Budapest, Akademiai Kiadó, 1974.
19. ESTADOS UNIDOS. Library of Congress. Rules for descriptive cataloging in the Library of Congress. Washington, 1949.
20. FIAB. ISBD(M). International Standard Bibliographic Description for monographic publications. London, IFLA/UBC Office, 1978.
21. GORMAN, M. The Anglo-American cataloguing rules; second edition. Library Resources and Technical Services, Chicago, 22(3):209-29, Sum. 1978.
22. Bibliographical data in national bibliography entries; a report on descriptive cataloging made for Unesco and IFLA. (Trabalho apresentado à Reunião Internacional de Especialistas em Catalogação, Copenhagen, 1969).
23. GROSE, M.W. & LINE, M.B. On the construction and care of white elephants; some fundamental questions concerning the catalogue. The Library Association Record, London, 70(1):2-5, Jan. 1968.
24. HANSON, E.R. & DAILY, S.E. Catalogs and cataloging. In: ENCYCLOPEDIA of library and information science. New York, Marcel Dekker, 1970. v.4, p. 242-305.
25. HICKEY, D. Theory of bibliographic control in libraries. Library Quarterly, Chicago, 47(3):253-73, 1977.
26. JEWETT, C.C. On the construction of catalogs of libraries and their publications by means of separate, Stereotyped titles, with rules and examples. 2.ed. Washington, Smithsonian Institution, 1953.

27. JOLLEY, L.J. *The function of the main entry in the alphabetical catalogue; a study of views put forward by Lubetzky and Verona.* In: *CONFERENCIA INTERNACIONAL SOBRE PRINCIPIOS DE CATALOGAÇÃO.* Paris, 1961. Report. London, C. Bingley, 1963. p. 159-163.
28. JONES, M.H. *Year's work in cataloging and classification, 1978.* Library Resources and Technical Services, Chicago, 23(3):247-88, Sum. 1979.
29. KEMP, D.A. *The nature of knowledge; an introduction for librarians.* London, C. Bingley, 1976.
30. KOCHEN, M. *Information seeking behaviour of catalogue users.* Information Storage and Retrieval, Oxford, 6(5):363-81, Dec. 1970.
31. KRIKELAS, J. *Catalog use studies and their implications.* In: *ADVANCES in librarianship.* Edited by Melvin J. Voigt. New York, Seminar Press, 1972. v.3, p.195-220.
32. LANCASTER, W.F. *Studies of catalog use.* In: \_\_\_\_\_. The measurement and evaluation of library services. Washington, Information Resources Press, 1977, cap. 2.
33. LIPETZ, B.A. *Catalog use in a large research library.* Library Quarterly, Chicago, 42(1):129-39, Jan. 1972.
34. \_\_\_\_\_ & STANGL, P. *User clues in initiating searches in a large library catalog.* In: *PROCEEDINGS of the ASIS.* Edited by Jeanne B. North. Westport, Greenwood Publ. Co., 1908. v.5, p. 137-9.
35. LUBETZKY, S. *Cataloging rules and principles; a critique of the ALA rules for entry and a proposed design for their revision.* Washington, Processing Dept., Library of Congress, 1953.
36. \_\_\_\_\_ . *The function of the main entry in the alphabetical catalogue - one approach.* In: *CONFERENCIA INTERNACIONAL SOBRE PRINCIPIOS DE CATALOGAÇÃO.* Paris, 1961. Report. London, C. Bingley, 1963. p.139-43.
37. MAC LEAN, H. *Using the library catalog.* New Zealand Libraries, Melbourne Wellington, 35(2):165-72, 1972.
38. MALINCONICO, S.M. *Technology and standards for bibliographic control.* Library Quarterly, Chicago, 47(3):308-25, Jul., 1977.
39. MALTBY, A. & SWEENEY, R. *The UK catalog use survey.* Journal of Librarianship, London, 4(3):188-204, Jul. 1972.

40. MORRIS, W.E.M. Catalog computerisation project; final report. Newcastle upon Tyne, University Library, 1971.
41. OSBORN, A.D. The crisis in cataloguing. In: OLDING, R.K. Readings in library cataloguing. London, Crosby Lockwood, 1966. p. 255-41
42. PALMER, R. P. Computerizing the card catalog in the University library: a survey of user requirements. Littleton, Libraries Unlimited, 1972
43. PERRINE, R.H. Catalog use difficulties. Research Quarterly, Chicago, 6:115-9, 1967.
44. POBLACION, D.A. et alii. Catálogo referenciada aplicando os ISBDS para os usuários de ciências da saúde. São Paulo, 1978. In: ENCONTRO DE BIBLIOTECÁRIOS BIOMÉDICOS, 7. São Paulo, 1978.
45. POTTER, W.G. When names collide: conflict in the catalog and AACR 2. Library Resources and Technical Services, Chicago, 24(1):3-16, Win. 1980.
46. RANDALL, W.M. The users of library catalogs: a research project. In: CATALOGERS and classifiers yearbook. Chicago, ALA, 1931. p. 24-32.
47. RANGANATHAN, S.R. Headings and canons; comparative study of five catalogue codes. Madras, S.Viswanathan, 1955.
48. REPORT of the International Meeting of Cataloguing Experts. Copenhagen, 1969. Libri, Copenhagen, 20(1/2):105-32, 1970.
49. RICHMOND, P. The catalog in the age of technological change. "Apud" BERRISFORD, P.D. Year's work in cataloging and classification, 1977. Library Resources and Technical Services, Chicago, 22(3): 277-51, Sum. 1978.
50. SHINE BURG, J.A. A critique of AACR 2. Libri, Copenhagen, 29(3):231-59, Oct. 1979.
51. SWANSON, D.R. Requirements study for future catalogs. Library Quarterly, Chicago, 42(3):302-15, 1972.
52. TAGLIACOZZO, R., ROSENBERG, L., and KOCHEN, M. Access and recognition from user's data to catalog. Journal of Documentation, London, 26(3):230-49, Sept. 1970.

53. TATE, E.L. *Main entries and citations: one test of a draft code.* Library Quarterly, Chicago, 33(1):172-91, 1963.
54. VERONA, E. *The function of the main entry in the alphabetical catalogue - a second approach.* In: CONFERÊNCIA INTERNACIONAL SOBRE PRINCÍPIOS DE CATALOGAÇÃO. Paris, 1961. Report. London, C. Bingley, 1963. p. 145-57.
55. WEINTRAUB, D.K. *The essentials or desiderata of the bibliographic record as discovered by research.* Library Resource and Technical Services, Chicago, 23(4):391-405, Fall 1979.
56. WOLF, S. *A parable for 1980.* HCL Cataloging Bulletin, Edina, Minn., 34(1):24-5, May/June, 1978.-

ANEXO 1 : ROTEIRO DA ENTREVISTA

## ROTEIRO DE ENTREVISTA

Estamos fazendo um estudo sobre o catálogo desta biblioteca. Gostaríamos que você nos ajudasse, respondendo algumas perguntas.

1. Você é registrado na biblioteca como:

- Comerciante
- Dependente
- Funcionário
- Estudante
- Outros (especificar)

2. Qual a sua idade?

- Até 15 anos
- 15-20 anos
- 21-30 anos
- 31-40 anos
- 41-50 anos
- 51-60 anos
- + de 60 anos

3. Qual o seu grau de escolaridade?

- |   |                                       |
|---|---------------------------------------|
| <input type="checkbox"/> 1º grau              | <input type="checkbox"/> completo     |
|   | <input type="checkbox"/> incompleto * |
| <input type="checkbox"/> 2º grau              | <input type="checkbox"/> completo     |
|   | <input type="checkbox"/> incompleto * |
| <input type="checkbox"/> curso universitário  | <input type="checkbox"/> completo     |
|   | <input type="checkbox"/> incompleto * |
| <input type="checkbox"/> outros (especificar) |                                       |

- \*  interrompeu o curso
- está cursando

4. Você frequenta normalmente esta biblioteca?
- mensalmente
  - semanalmente
  - mais de uma vez por semana
  - raramente
  - é a primeira vez
5. Você costuma frequentar outras bibliotecas?
- sim
  - não (passar para pergunta 7)
6. Quais?
- 
7. Você costuma consultar o catálogo quando vai a uma biblioteca?
- sempre
  - às vezes
  - é a primeira vez
8. Alguém já ensinou você a usar o catálogo?
- sim
  - não (passar para pergunta 11)
9. Quem?
- bibliotecário
  - colega
  - outros (especificar)
10. Para que você vai usar o catálogo hoje?
- para encontrar um livro determinado (passar para anexo 1)
  - para encontrar livros de um autor determinado (passar para anexo 2)
  - para encontrar livros de um determinado assunto (passar para anexo 3).



ANEXO 1

1. Você tem informação por escrito sobre o livro procurado?  
 sim (copiar)  
 não (pedir para escrever)
2. Quem indicou esse livro para você?  
 professor  
 colega  
 bibliotecário  
 anúncio em revistas, jornais, etc  
 outros (especificar)
3. O que você vai procurar primeiro no catálogo?  
 autor  
 título  
 assunto
4. Você vai usar a ficha encontrada para:  
 localizar o livro na estante (passar para pergunta 6)  
 saber outras informações sobre o livro
5. Quais dos elementos da ficha do catálogo interessam à você?  
 número de chamada  
 edição  
 local  
 editora  
 data  
 nº de páginas ou volumes  
 ilustrações  
 tamanho  
 série  
 outros (especificar)

Depois que você consultar o catálogo, gostaria de lhe fazer outras perguntas.

6. Você encontrou o que procurava?

sim

não (passar para pergunta 8)

7. Como encontrou? (escrever exatamente as palavras) termina aqui

8. Como procurou? (escrever exatamente as palavras) termina aqui

9. Comentário:

ANEXO 2

1. Você tem informação escrita sobre o nome do autor?  
 sim (copiar)  
 não (pedir para escrever)
2. Você vai usar a(s) ficha(s) encontrada(s):  
 para localizar o(s) livro(s) (nas estantes) (passar para pergunta 5)  
 para saber outras informações sobre o livro ou o autor (passar para pergunta 4)  
 para escolher um ou mais livros entre os encontrados (passar para pergunta 3)
3. Quais os elementos da ficha do catálogo ajudarão na escolha?  
 edição  
 local  
 editora  
 data  
 nº de páginas ou volumes  
 ilustrações  
 tamanho  
 série  
 outros (especificar)
4. Quais dos elementos da ficha do catálogo interessam a você?  
 nº de chamada  
 edição  
 local  
 editora  
 data  
 nº de páginas ou volumes  
 ilustrações  
 tamanho  
 série  
 outros (especificar)

Depois que você consultar o catálogo gostaria de lhe fazer ou  
tras perguntas:

5. Você encontrou o autor procurado?

( ) sim

( ) não (passar para questão 8)

6. Como encontrou? (copiar exatamente as palavras)

7. Quantos livros do autor você encontrou? termina aqui

8. Como procurou? (copiar exatamente as palavras) termina  
aqui

9. Comentário:

ANEXO 3

1. Você deseja ler ou consultar todos os livros desse assunto que existem na biblioteca?

( ) sim

( ) não

2. Você vai usar as informações encontradas:

( ) para localizar os livros nas estantes termina aqui

( ) saber outras informações sobre o livro ou o assunto  
(passar para pergunta 3)

( ) escolher os livros desejados (passar para pergunta 4)

3. Quais dos elementos da ficha do catálogo interessam a você?

( ) nº de chamada

( ) edição

( ) local

( ) editora

( ) data

( ) nº de páginas ou volumes

( ) ilustrações

( ) tamanho

( ) série

( ) outros (especificar) termina aqui

4. Quais os elementos da ficha do catálogo ajudarão na escolha?

( ) autor

( ) edição

( ) local

( ) editora

( ) data

( ) nº de páginas ou volumes

( ) ilustrações

( ) tamanho

( ) série

( ) outras (especificar) termina aqui

ANEXO 3

1. Você deseja ler ou consultar todos os livros desse assunto que existem na biblioteca?  
 sim  
 não
  
2. Você vai usar as informações encontradas:  
 para localizar os livros nas estantes termina aqui  
 saber outras informações sobre o livro ou o assunto  
(passar para pergunta 3)  
 escolher os livros desejados (passar para pergunta 4)
  
3. Quais dos elementos da ficha do catálogo interessam a você?  
 nº de chamada  
 edição  
 local  
 editora  
 data  
 nº de páginas ou volumes  
 ilustrações  
 tamanho  
 série  
 outros (especificar) termina aqui
  
4. Quais os elementos da ficha do catálogo ajudarão na escolha?  
 autor  
 edição  
 local  
 editora  
 data  
 nº de páginas ou volumes  
 ilustrações  
 tamanho  
 série  
 outras (especificar) termina aqui

ANEXO 2 : FICHA DE REGISTRO DE DATOS

# FICHA DE REGISTRO DE DADOS

## Buscas de item conhecido

Nº entrevista:

Resultado: Com sucesso ( )  
Sem sucesso ( )

F R E Q U E N T E

- |                              |                                |
|------------------------------|--------------------------------|
| 1. Informação sobre autor    | 9. Informação escrita? Sim ( ) |
| 2. Como procurou?            | Não ( )                        |
| 3. Representação no catálogo | 10. Resultado busca autor      |
| 4. Categoria                 | Sim ( )                        |
| 5. Informação sobre título   | Não ( )                        |
| 6. Como procurou?            | 11. Resultado busca título     |
| 7. Representação no catálogo | Sim ( )                        |
| 8. Categoria                 | Não ( )                        |
|                              | 12. Nº de tentativas           |

V E R S O

13. Copiou: 1. nº de chamada completo  
2. nº de classificação  
3. notação de autor  
4. nada
14. Localização nas estantes: Sabia ( ) Não sabia ( )
15. Causa do insucesso
16. Frequência à Biblioteca do SESC
17. Consulta ao catálogo
18. Instrução sobre o uso do catálogo
19. Quem deu a instrução